

CND, uma vez que as concessões de geração de energia encontram-se em mãos das subsidiárias da Eletrobrás. (Lemos, Diário de Cuiabá, 10 e 11/08/96, p. A2 e A4)

Na época da suspensão da obra, os ventos do neoliberalismo já assopravam em cheio as mentes do país, por isso essa decisão foi alvo de críticas desse jornal que acusava a decisão de burocrática e afirmava que o racionamento de energia para o Estado de Mato Grosso estaria próximo, fato este que colocava a construção da obra como sendo a redenção para os problemas energéticos do estado.

Isso faz-nos repensar a responsabilidade social da imprensa para com os aspectos políticos e sócio-ambientais, uma vez que o mesmo jornal que na época da suspensão do processo de privatização da obra divulgou notícias criticando o processo de privatização de burocrático e de forma clara propagando a entrada da iniciativa privada para a obra, naquele momento não questionava a viabilidade da obra, os prejuízos que a privatização poderia trazer para a empresa pública e os impactos que hoje se discute e que, conforme o jornal, já eram publicados em suas reportagens desde a primeira fase da obra.

Após a decisão do TCU, o processo foi submetido ao CND e então foi realizada a licitação, cuja empresa vencedora foi a Produtos Energéticos de Manso – PROMAN, empresa formada pela Odebrecht, Servix e Pesa Engenharia.

Em 1997, foi realizada a engenharia financeira do empreendimento e formou-se um consórcio entre a PROMAN, que entraria com 30% dos recursos e a Eletronorte que entraria com 70%.

Na verdade, este foi um bom negócio para a iniciativa privada, pois esta receberá o maior retorno no início da operação. Nos primeiros

05 anos de funcionamento da UHE Manso, quase toda a energia produzida será de propriedade da parceira privada, 96% no primeiro ano, 75% nos segundo e terceiro anos; 72% no quarto ano e 61% no quinto ano. Daí em diante, passará a receber 30% da energia produzida.

Além disso, conforme a reportagem de Loureiro, do Diário de Cuiabá, 09/07/00, on line, a PROMAN começou a fazer parte do negócio, depois que a Eletronorte já havia gasto mais de 300 milhões de reais e concluído 60% da obra e ainda assim conseguiu garantir que os investimentos de seus recursos (aproximadamente R\$ 68.000.00 – sessenta e oito milhões de reais), alocados junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDS, só sejam aplicados após a resolução dos problemas ambientais, do encerramento das desapropriações e das obras civis.

Dentro do contrato celebrado entre a PROMAN, que coincidentemente faz parte da Empresas Construtoras de Manso – ECM, vencedora da concorrência para a construção das obras de engenharia civil, e a Eletronorte, caberia a esta última, fornecer o controle de qualidade das obras de infra-estrutura do reservatório, bem como as desapropriações e gerenciamento dos programas referentes ao meio ambiente, além de custear a parte civil de construção do empreendimento. À PROMAN, competiria fazer a montagem eletromecânica dos equipamentos e também da linha de transmissão da usina até a cidade de Nobres. (Entrevista com o gerente de Construção de Obras de Manso)

De acordo com reportagem publicada no Diário de Cuiabá, (on line) a denúncia sobre os pontos obscuros do contrato de parceria entre a iniciativa privada e o Governo Federal para conclusão das obras,

partiu da Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Elétrico - ILUMINA, ONG do setor elétrico com sede no Rio de Janeiro, para quem a transferência de Manso para Furnas foi uma herança ingrata do Governo Federal. (Loureiro, DC, 09/07/00, on line).

Ainda de acordo com a referida jornalista, existem outras denúncias feitas pela ILUMINA, de que o programa de enchimento do lago tem que ser feito para atender às exigências do Fundo Monetário Internacional - FMI, e ainda, devido às previsões contratuais entre Furnas e Proman, já que a primeira deveria pagar multas à segunda, em caso de não realização da desapropriação e do reassentamento das famílias no prazo estabelecido no contrato.

Em entrevista realizada com o gerente de construção de Furnas, o mesmo afirma que em termos de valores econômicos, em números aproximados, foram aportados R\$ 130.000.000,00 (cento e trinta milhões de reais) pela Eletronorte, 64% desse valor pela PROMAN e R\$ 100.000.000,00 (cem milhões de reais) pelo Ministério do Meio Ambiente a fundo perdido. Os recursos que seriam disponibilizados pelo Ministério do Meio Ambiente deveriam-se às compensações ambientais que o empreendimento proporcionará, como por exemplo a melhoria das condições da vazão de água.

Ainda conforme o referido gerente, até janeiro de 2000, o Ministério do Meio Ambiente só havia disponibilizado efetivamente 10% do valor contratado. Assim, o órgão governamental, no caso a Eletronorte, que antes era responsável pelo empreendimento, teria que disponibilizar esse recurso para a viabilização do empreendimento.

Em fevereiro de 1999, devido uma decisão política justificada pelo fato de Furnas ser a empresa da Eletrobrás com mais

disponibilidade de recursos financeiros, o empreendimento foi-lhe repassado. Outro motivo alegado foi que a Eletronorte vinha passando por problemas financeiros, não tendo condições de cobrir os recursos que caberiam originariamente ao Ministério do Meio Ambiente.

No nosso entedimento, a credibilidade da Eletronorte perante a sociedade mato-grossense, especialmente com a imprensa e os ambientalistas, estava totalmente esgotada, o que também serviu como motivo para que o governo impusesse a transferência da obra para Furnas, empresa que gozava de relativa confiança no setor energético, somando-se ao fato de que a obra poderia gerar prejuízos econômicos para a empresa estatal.

Consideramos que essa foi de fato uma herança ingrata que Furnas recebeu do governo federal, à contragosto. Preocupa-nos o contexto dessa decisão, ou seja, em momentos de neoliberalismo a todo vapor, jogar um empreendimento que parece fadado ao fracasso para uma empresa do porte de Furnas, uma das mais lucrativas do setor energético, em momentos nos quais discute-se a privatização da mesma, dá-nos a impressão de ser uma decisão política com objetivos obscuros, pois cremos que este fato poderá servir como mais uma justificativa para uma possível privatização da empresa.

Assim, à Furnas, coube pagar o que a Eletronorte já havia gasto e continuar injetando recursos daí em diante para terminar a obra.

As mudanças que ocorreram do início das obras da Hidrelétrica em 1988 até reinício das mesmas em 1998, além das já citadas, dizem respeito ao tipo de material. As empresas envolvidas na construção buscaram trabalhar com materiais alternativos tendo como objetivo a minimização dos custos.

O projeto, em termos de sua concepção, arquitetura, ele não mudou muito, ele mudou no material que vai ser utilizado sempre com o objetivo de minimizar custos para viabilizar a obra, se não a obra não saia. (Entrevista com o gerente de construção de Furnas)

Também foram modificados aspectos como a construção de uma vila operária, que constava do projeto inicial e que foi abolida na nova fase de construção, sempre com o intuito de redução de custos para viabilizar a obra.

Os depoimentos dos próprios diretores do empreendimento falando em material alternativo com objetivo de minimizar custos causam perplexidade, pois não sabemos até que ponto são materiais seguros para evitar um possível rompimento da barragem que viria a provocar danos imprevisíveis ao meio ambiente.

Infelizmente, os resultados e as discussões parecem demonstrar que não houve um planejamento adequado, basta se ver que a empresa que realizou os estudos de impacto ambiental é do Rio de Janeiro e o relatório de impacto ambiental da obra apresenta alguns dados sociais da região, que não condizem com a realidade. Não é possível compreender o porquê da contratação de uma empresa de fora para a realização do estudo e não uma equipe da região, que ao nosso ver, possivelmente estaria mais próxima da realidade local.

Entendemos que a discussão sobre os problemas decorrentes da construção da obra é relevante e deve ser feita por toda a sociedade e, especialmente, pela imprensa, cujo papel é essencial para a divulgação dessas questões.

Todavia, é preciso que essa discussão seja feita com muita ética por todos os setores envolvidos e que não nos esqueçamos a

história do rio Cuiabá e os outros problemas que o afligem, ou seja, a UHE Manso é mais um problema gravíssimo, mas não o único, pois corremos o risco de termos que enfrentar mais tarde, o agravamento de outros problemas como o assoreamento dos rios, em função das queimadas e das atividades monocultoras nas bordas dos rios pantaneiros, a poluição dos mananciais urbanos do rio Cuiabá com esgoto e lixo das mais variadas espécies, dentre outros.

Desse modo, é preciso que a sociedade organizada, o Ministério Público – MP, no exercício de sua função Constitucional de fiscal da lei, a Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEMA, façam o levantamento dos problemas ambientais causados ao rio e exerçam a cobrança necessária para diminuir a ação dos poluidores.

## **2.2- Aspectos Gerais**

A capacidade instalada da Usina é de 210 MW, composta por quatro unidades de 52,5 MW cada. A energia mínima que ela irá garantir, ou seja, a energia firme, é 90MW.

Segundo o gerente de construção de Furnas, a empresa não possui um projeto de investimento em turismo para a área. Caso isto venha a ocorrer, deverá ser a iniciativa privada em consonância com os órgãos governamentais e a Prefeitura Municipal de Chapada dos Guimarães.

Quando do reinício da construção das obras, a estrada de acesso não era totalmente asfaltada. Então foi feito um convênio entre o governo do Estado de Mato Grosso e a Eletronorte. No convênio, o governo deveria ficar com a manutenção da estrada. Mas quem pagou a

construção das obras foi a Eletronorte que repassou os custos para FURNAS que também vem fazendo as obras de manutenção.

Sobre as desapropriações, estas foram em torno de 630 propriedades, sendo que 464 dos desapropriados eram posseiros e o restante proprietários que possuíam o título da terra.

Essa questão, assim como a questão ambiental tem gerado muita polêmica, pois não estava havendo um consenso entre os pequenos proprietários e Furnas quanto ao valor a ser pago nas indenizações, o que levou as famílias a realizarem muitos protestos nas proximidades do escritório da empresa em Cuiabá.

Aos proprietários de terras foi pago 100% do valor das terras e aos posseiros foi apenas 50% do valor das mesmas e 100% do valor das benfeitorias. (Entrevista com o gerente de construção de Manso).

Um acordo entre o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Prefeitura Municipal de Várzea Grande garantiu que Furnas reassentasse as famílias em 04 comunidades: da Margem direita do Quilombo, do Campestre, Bom Jardim e Comunidade Projeto de Assentamento Quilombo.

Mas o acordo não satisfez as famílias reassentadas, uma vez que as mesmas reclamam da produtividade da terra, do desligamento das famílias quanto às antigas posses, além da falta de clareza dos valores pagos às indenizações pelas benfeitorias. O representante do Movimento dos Atingidos por Barragem – MAB, denuncia que Furnas não tem realizado as negociações com clareza, inclusive não tendo permitido o acesso às informações sobre as transferências das famílias, a maioria composta por idosos e analfabetos. (Oliveira, DC, 09/07/00, on line).

O programa social de assentamento contempla a doação de um lote de 20 ha. para cada família, preparo e correção do solo em área de 04 ha. destinados ao plantio de subsistência familiar, construção de uma casa de 51,12 m, além da instalação de energia elétrica rural, esgoto com fossa séptica e água potável. (Entrevista gerente de construção de Furnas)

Ainda conforme Oliveira, (DC, 09/07/00, on line), num programa social um pouco melhorado, Furnas forneceria quatro ha de terras, as quais seriam corrigidas, num período de dois anos. Além disso, a empresa custearia um projeto de irrigação e o fornecimento de cestas básicas durante um ano após o reassentamento. Ofereceria também assistência técnica agrônômica por dois anos, um caminhão e uma patrulha mecânica aos assentados.

Mas o reassentamento dessas comunidades não atendeu às expectativas da população reassentada. Existem denúncias sobre a qualidade da terra em áreas de cerrado que teriam que ser corrigidas contentemente, o que inviabilizaria o trabalho por parte das famílias carentes. Além disso, Furnas não teria deixado escolha aos posseiros que foram retirados da área. (Idem).

Para o gerente de construção de Furnas, esta é a primeira vez que Furnas assume este tipo de compromisso social, ao invés de indenização em dinheiro, o que considera poder gerar uma situação paternalista, mas como a Eletronorte já havia assumido o compromisso, Furnas teve que cumpri-lo.

Todavia, consideramos que o simples fato de Furnas pagar aos posseiros pelos seus direitos de posse, em dinheiro, não é capaz de indenizar uma situação de desterritorialização imposta a essas pessoas.

Creemos que a empresa deva fazer o máximo possível para tentar minimizar essa situação, ou seja, o ideal seria que houvesse uma negociação muito clara com os representantes da categoria para se planejar o reassentamento dessas famílias.

Sobre as polêmicas em torno do meio ambiente, os jornais locais publicaram diversas notícias enfocando a mortandade de peixes, em função do fechamento das primeiras comportas da Hidrelétrica, em 30 de novembro de 1999, para o enchimento do lago.

A respeito dessa questão, o representante do Departamento de Meio Ambiente de Furnas, afirma que isto foi um susto para a sociedade, mas para a empresa e órgãos fiscalizadores já era previsto que haveria uma grande baixa no rio, mas essa seria por um período muito curto de tempo. Para ele, não houve mortandade de peixes, e sim a morte de pequenos e poucos peixes, em decorrência do aprisionamento da água, já que os peixes maiores conseguiram fugir, o que não caracterizaria o fenômeno denominado mortandade.

Ainda conforme o referido representante, a imprensa e alguns setores da sociedade agiram com imprudência ao divulgar notícias de mortandade de peixes sem procurar entender a situação.

Argumenta também, que para a comunidade ribeirinha, a preocupação com o fato é compreensível, uma vez que trata-se de pessoas que nasceram e viveram ali. Dessa forma, conclui que a empresa deva intensificar as campanhas educativas junto a essas comunidades, as quais não estão sendo bem informadas, ou seja, o programa de comunicação social desenvolvido pela empresa é falho.

Em outra reportagem da referida série publicada pelo Diário de Cuiabá, a jornalista Oliveira, levanta também a situação dos

pescadores ribeirinhos, cerca de 2.500 (dois mil e quinhentos), nas cinco colônias atingidas (Nobres, Rosário Oeste, Cuiabá, Rosário Oeste e Barão de Melgaço), tem sido crítica. Segundo o jornal, o presidente da Federação dos pescadores, senhor Lindberg Gomes de Lima, a seca já era um problema grave para o rio, o qual fora agravado ainda mais pela construção da UHE.

Em função desse agravamento, o referido presidente afirma que FURNAS deveria indenizar esses pescadores pelo menos até que houvesse uma adaptação dos mesmos à nova realidade. (Idem)

Sobre o futuro das comunidades ribeirinhas do rio Cuiabá, a pesquisadora Verone Cristina da Silva, do Grupo de Estudos e Pesquisas do Pantanal, Amazônia e Cerrado (Gera -UFMT), alerta que a situação dessas comunidades já era crítica antes mesmo da UHE chegar e a sobrevivência dessas populações depende fundamentalmente do poder público. É importante salientar que a sobrevivência aludida pela mesma não é apenas a material, mas a cultural, memorial e histórica. (Vargas, 09/07/00, on line)

Ainda segundo a pesquisadora, citada na referida reportagem, com o tempo seria natural que ocorressem as transformações no modo de vida dos ribeirinhos, mas no caso do rio Cuiabá, as mesmas têm sido muito impactantes. (Idem)

Diante dos problemas levantados, sabemos que é imprescindível a participação do poder público para garantir a sobrevivência dessas comunidades, que deverá ser feita também por intermédio da fiscalização e exigência para que os responsáveis pela degradação do ambiente responda pelos danos causados e

principalmente, que diminuam a poluição, assim como o Estado não deve esquecer a sua parcela de responsabilidade neste processo.

A área do meio ambiente possui 19 programas ambientais, cujos objetivos são prevenir, minimizar ou compensar as modificações ambientais causadas pela implantação e operação do empreendimento, e 02 Instrumentos de Gestão ambiental.<sup>1</sup>

Entretanto, o andamento desses projetos também vêm sendo questionado pelo Ministério Público Estadual que tem solicitado estudos de técnicos da UFMT para verificar a adequação e o andamento dos projetos. (Lachowski, 09/07/00, on line)

A Fundação Estadual do Meio Ambiente – FEMA, ao analisar o andamento dos projetos, constatou atraso em três programas e há ainda denúncias de que o órgão não teria técnicos suficientes para realizar a fiscalização da obra e que, na verdade, isso parece não ser prioridade dessa administração, que prefere estar envolvida com um projeto do BID-Pantanal, diante dos recursos que o referido projeto traria para a estado. (idem)

Conforme o jornal Diário de Cuiabá, um grupo de 13 professores da UFMT analisou 12 dos 21 programas a serem desenvolvidos por Furnas e constatou que seis deles estão sendo conduzidos de forma inadequada.

A denominação utilizada para a divulgação do empreendimento é de que se trata de um Aproveitamento Múltiplo, uma vez que o mesmo visa além da geração de energia elétrica, o controle das cheias do rio Cuiabá, a utilização de suas águas para a irrigação de lavouras etc.

---

<sup>1</sup> Furnas Centrais Elétricas. *Folder* sobre Aproveitamento Múltiplo de Manso e Meio Ambiente

Entretanto, para efeito dessa pesquisa adotamos a designação de Usina Hidrelétrica – UHE, pois consideramos que o que está sendo construído no canteiro de obras é uma hidrelétrica, independente da finalidade do projeto, mesmo porque existem questionamentos sobre a viabilidade de alguns usos previstos com a construção da barragem.

### **2.3- O canteiro de obras da UHE Manso: desvendando papéis**

No canteiro de obras da UHE de Manso estão duas grandes empresas trabalhando efetivamente. O Consórcio das Empresas Construtoras de Manso - ECM e a Empresa Furnas, com as responsabilidades já enfocadas.

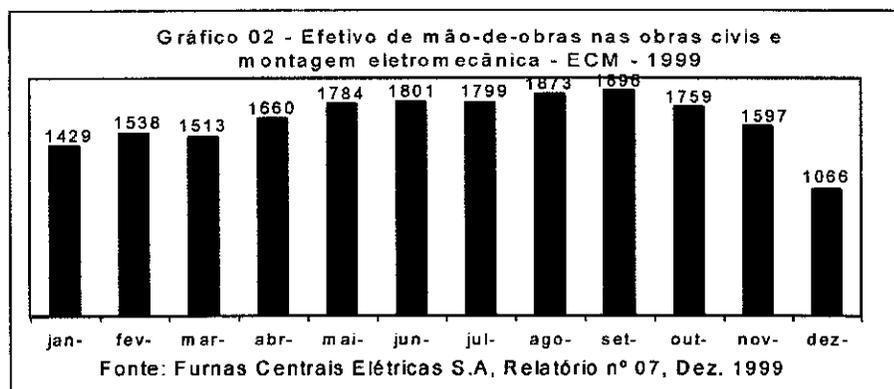
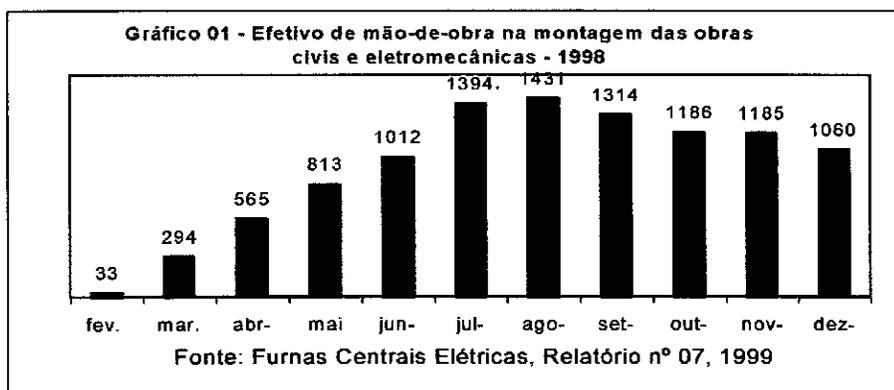
As duas empresas citadas, possuem empresas subcontratadas, sendo que junto às instalações de Furnas fica o pessoal contratado pela Sondotécnica, uma empresa do Rio de Janeiro que presta serviços à Furnas. A ECM, em julho de 1998, segundo a responsável pelo Programa Qualidade de Vida, contava com 240 (duzentos e quarenta) trabalhadores subcontratados

Em conversas informais com trabalhadores braçais, na época, os mesmos afirmavam que, em geral, os salários dos subcontratados era a metade do recebido pelos funcionários da ECM, que em média era de dois salários mínimos para funcionários com menos qualificação profissional, o que gerava grande insatisfação por parte daqueles.

Mas, segundo informações da ECM, a orientação dessa Empresa era para que as subcontratadas pagassem o mesmo valor aos seus funcionários no intuito de evitar o descontentamento dos trabalhadores.

A quantidade de trabalhadores da ECM-Manso, presentes no canteiro de obras variou muito ao longo da construção do empreendimento. Em fevereiro de 1998 contava com 33 trabalhadores. O maior contingente de mão-de-obra foi em setembro de 1999, quando o número de trabalhadores nas obras civis e eletromecânicas chegou a 1896. (Gráficos 1 e 2).

Já a empresa Furnas e sua subcontratada, Sondotécnica, possuem aproximadamente 200 trabalhadores presentes no local, além das equipes envolvidas nos setores do meio ambiente que não trabalham diretamente no canteiro de obras.



Este fato deve-se às tarefas de cada empresa, já descritas. A ECM é a empresa responsável pela construção das obras civis e

montagem eletromecânica, portanto, grande parte dos trabalhos realizados no canteiro de obras estão sob sua responsabilidade.

Cada grupo de trabalhadores que presta serviços às empresas ECM e Furnas, usufrui da infra-estrutura da empresa à qual está diretamente ligado.

Em termos comparativos, pode-se dizer que a infra-estrutura de alojamento, alimentação e mesmo de acesso à cidade e à família é melhor para os trabalhadores ligados à Furnas. Todavia, em termos de programas de prevenção de acidentes, um dos membros da Comissão Interna de Prevenção de Acidente - CIPA da Sondotécnica afirmou que esta, por ser uma empresa menor não disponibiliza tantos recursos para a questão mencionada.

Os refeitórios da E.C.M, são de três tipos: A, destinado aos funcionários de nível superior ou ligados à administração, B, pessoal de nível técnico e encarregados e, C, para os trabalhadores braçais. Os três ficam bem próximos.

Já os alojamentos também de 3 tipos: 1 e 2, destinado ao pessoal com nível superior e da administração, 3 e 4, pessoal de nível técnico e encarregados de setor, e tipo 5 e 6, trabalhadores braçais. Os dois primeiros conjuntos de alojamento, ficam próximo ao escritório da empresa, em local mais afastado dos movimentos das máquinas e próximos à quadra de esporte e campo de futebol e uma pequena área de lazer (fig. 2), enquanto os alojamentos tipo 3 e 4, ficam mais próximo do canteiro de obras, portanto, mais exposto à poeira e ao barulho dos carros e máquinas pesadas que circulam constantemente pelo local. (fig. 3).

Embora os alojamentos possuam quartos uniformes, a maneira de organizá-los difere de um grupo de trabalhadores para outro. Assim, alguns mostram-se bastante cuidadosos com seus mobiliários e pertences, alguns possuindo uma cadeira mais elaborada, um banquinho dobrável, televisão pequena, rádio-gravador, dentre outros objetos individuais.



Fig. 02 - Ao fundo, escritório da ECM, à direita alojamento 1 e 2 e à esquerda alojamento 3 e 4 - Quadra de esportes e campo de futebol - (Fotógrafo Sérgio S. L. Galo - Arquivo de Furnas Centrais Elétricas- DGAT)



Fig. 03 - Vista parcial dos alojamentos 5 e 6

Numa observação desses alojamentos percebemos que apesar de tratar-se de um espaço coletivo, geralmente dividido por 04 homens, cada trabalhador procura imprimir a sua individualidade, quer seja através das gravuras de mulheres nuas anexadas às paredes, do violão, das imagens de santos, das Bíblias, dos retratos da família, dos diversos objetos de higiene pessoal, dos cabides que ostentavam ora trajes de passeio, ora o uniforme de trabalho.

Essa pode ser uma forma de resistência ao que fora planejado de forma idêntica, à falta de individualidade. Nessa mesma perspectiva, Chauí, nos fala sobre a construção do “pedaço”, do espaço próprio, da resistência dos moradores de um conjunto habitacional, que como sabemos é geralmente de péssima qualidade, ao transformar as casas em espaços cujos lógica dos arquitetos planejadores não seria capaz de compreender, pois “... o que estava previsto para ser um imenso dormitório coletivo, monótono e sem fisionomia, tornou-se festivamente ‘caótico’, recebeu o tom pessoal” (Chauí, 1994, p. 67).

No caso dos dormitórios dos alojamentos, encontramos um espaço, que às vezes nos parece caótico, pois são muito pequenos, abrigam quatro trabalhadores em beliches, mas ainda assim, esses conseguem imprimir algo de pessoal, no seu pedaço, fato este que consideramos não ser nada fácil, diante do diminuto espaço para cada trabalhador.

A área de lazer para os trabalhadores braçais fica distante dos alojamentos destes e a mesma não conta com quadra de esportes e campo de futebol, o que serve de reclamação por parte dos funcionários.

Alternativamente, encontramos aqui e ali, vasilhames de aguardente depositados próximos à lata do lixo e ouvimos relatos de prática de jogos de azar, o que é proibido pela direção da ECM.

Uma forma de lazer também utilizada pelos trabalhadores são os “bares” (locais de prostituição) próximos à estrada de acesso ao canteiro de obras. Em diversas entrevistas e em conversas informais, os depoentes referiam-se a uns “lugarzinhos”, quando indagados sobre para onde vão quando saem do local.

Foi construída também no canteiro de obras uma capela que fica próxima à escola e à área de lazer. As missas são realizadas no último domingo do mês, mas a responsável pelo Programa Qualidade de Vida disse estar tentando conseguir que o padre vá pelo menos quinzenalmente para rezar a missa.

Também o espaço dos evangélicos está presente no canteiro de obras. Uma sala no prédio da área de lazer foi destinada aos mesmos que realizam reuniões duas vezes por semana (quarta-feira e sábado). Para alguns entrevistados esse espaço é muito importante e isso fora relatado de maneira espontânea.

Ao lado da área de lazer encontramos uma lanchonete onde são comercializados lanches diversos e refrigerantes, porém, as bebidas alcoólicas são proibidas.

Observamos alguns trabalhadores que realizam trabalhos externos em diversos pontos da obra, realizando lanches em intervalo intra-jornada de maneira compartilhada, ou seja, um grupo de 04 ou 06 trabalhadores reúne-se numa mesa para dividir o refrigerante e o lanche.

A área de lazer é composta por várias salas, sendo duas delas reservadas para assistir TV, uma sala de vídeo, uma sala reservada à

biblioteca, mas que fica quase sempre fechada (não estava funcionando). Há também três mesas de sinuca, no mesmo prédio.

Do outro lado de uma pequena rua, encontramos uma quadra de areia que também estava muito mal cuidada e isso era motivo de reclamações por parte dos trabalhadores.

As Empresas Construtoras da Usina, possuem um “Programa de Qualidade de Vida” para os trabalhadores, vinculado à Coordenação Administrativa e Financeira que envolve um programa de alfabetização, várias atividades de educação não formal, lazer etc.

Conforme entrevista com o gerente Administrativo e Financeiro da ECM, o objetivo deste programa é atender as necessidades básicas do cooperador.

Nem sempre a empresa parece se importar com esta situação a que o operário fica exposto, mas precipuamente com a sua visão diante da sociedade.

O que se percebe, na maioria dos casos é que a empresa, ao implantar programas de QVT, preocupa-se consigo mesma, sua produtividade e sua imagem perante a sociedade; raramente encontram-se ações que visem, de fato, à qualidade de vida dos trabalhadores.” (Cerutti, 1999, p. 84)

Exemplo disto é a fala do Presidente da CIPA, representante dos empregadores, que, ao indagar-nos sobre as respostas dos empregados, afirmou que a empresa pretende oferecer boas condições de vida aos funcionários, pois querem ganhar o prêmio ISO 9000 de qualidade.

Também as palavras do gerente administrativo e financeiro comprovam o que a autora citada afirma, pois em entrevista realizada com o mesmo, após falar sobre o Programa de Qualidade de Vida desenvolvido no canteiro de obras, enfatiza: “É um algo a mais para que

ele tenha ânimo em trabalhar com mais afinco pra não ficar de corpo mole.”

Em outro momento da entrevista, quando perguntado sobre as vantagens do Programa Qualidade de Vida para a empresa, este afirma que:

o programa é fundamental para deixar o funcionário satisfeito. O retorno é a satisfação dele, ele não faz greve, não quebra refeitório. Ele trabalha bem e te dá lucro porque o cara insatisfeito não produz. Ter a satisfação do colaborador para que ele possa produzir. (Gerente de Administração e Finanças da ECM)

Conforme esse comentário, percebemos que o objetivo da empresa não é o bem estar do funcionário, mas o aumento de seu lucro.

Mas, e os trabalhadores, como enxergam o canteiro de obras? Qual é a opinião dos mesmos sobre as questões levantadas? Isso faz parte do que procuraremos registrar no próximo capítulo.

## Cap. III- Análise e discussão dos resultados: a realidade do canteiro de obras segundo os Trabalhadores

... Mas ele desconhecia esse fato extraordinário:  
que o operário faz a coisa e a coisa faz o operário,  
de forma que certo dia,  
à mesa ao cortar o pão,  
o operário foi tomado, de uma súbita emoção,  
ao constatar assombrado, que tudo naquela mesa:  
garrafa ,prato, facão,  
era ele quem os fazia,  
ele, um humilde operário, um operário em construção.  
(Vinícius de Moraes)

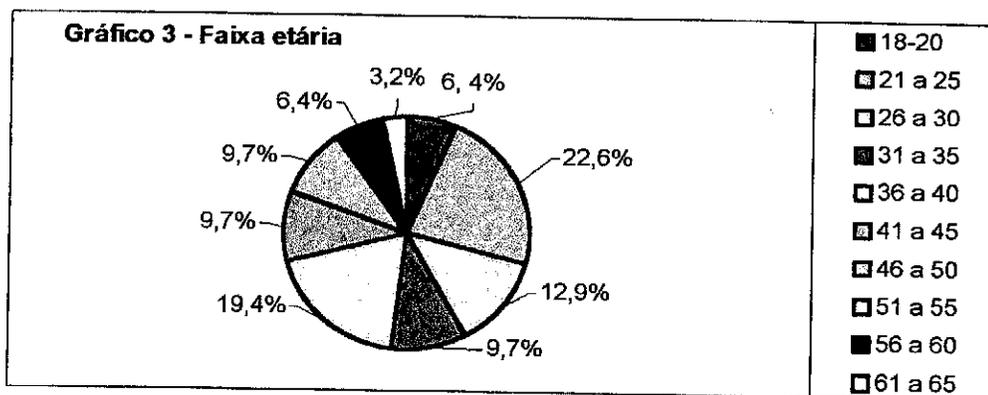
As informações obtidas nas entrevistas com os trabalhadores braçais, de acordo com a amostragem definida nos procedimentos metodológicos, ofereceram subsídios importantes que ajudaram a entender melhor o contexto estudado, bem como para apreender a visão dos mesmos sobre a realidade vivenciada, de maneira que pudéssemos ter a pretensão de emitir um parecer sobre essa realidade.

Além das respostas obtidas junto aos trabalhadores, buscamos informações com outros setores da Empresa, administração, setor “Qualidade de Vida”, Segurança e Medicina do Trabalho, professoras da escola, responsáveis pelos alojamentos, nutricionista dos refeitórios, no sentido de verificarmos diversos pontos de vista do mesmo aspecto.

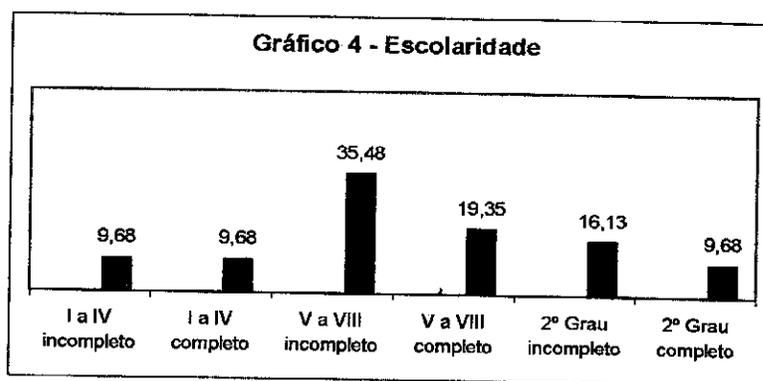
### 3.1- Identificando os trabalhadores

Quanto à idade, a amostra apresentou-se bastante diversificada. Conforme mostra o gráfico 03, o maior percentual, 22,6% refere-se aos trabalhadores com idade entre 21-25 anos de idade, seguido

pela faixa etária entre 36-40 anos, com 19,4% dos entrevistados. Isto significa que a maioria dos obreiros é relativamente jovem, pois conforme podemos constatar no gráfico abaixo, quanto maior a idade, menor o número de trabalhadores na obra, exceto no intervalo de 18 a 20 anos, que conta apenas com 6,4%.



Quanto à escolaridade (Gráfico 04), esta é muito baixa, de modo que apenas 9,68% terminou o ensino médio, antigo segundo grau e a grande maioria, não concluiu sequer o ciclo básico, antigo 1º grau, o que não foge à realidade brasileira.



De acordo com a Coordenadora do Programa de Qualidade de Vida, existem trabalhadores analfabetos no canteiro de obras.

Entretanto, dentre os entrevistados não houve nenhum relato que confirmasse isto.

Creemos que a existência de trabalhadores analfabetos no canteiro de obras, é um fator preocupante, uma vez que a empresa utiliza placas de segurança como instrumento de educação para o ambiente, quase todas advertências escritas e poucas com linguagem de símbolos. Também por isso, vemos a necessidade de se conciliar a educação com o trabalho.

A questão da baixa escolaridade agrava o problema do desemprego, pois de acordo com o Sistema Nacional de Empregos - SINE/MT, março 2000, os dados mostram que quanto maior a escolaridade, maiores são as chances do trabalhador encontrar emprego.

Este dado aponta para a urgência da implementação dos programas de educação para adultos nos canteiros de obras das empresas, combinando tempo de trabalho com tempo de estudo, conforme sugere-nos Arroyo, op cit.

Também WEIL, na primeira metade do século, já chamava atenção para a desvinculação existente entre a educação e trabalho praticada na escola e muito além disto, o tipo de formação que se dá à juventude, quase sempre voltada para o imediatismo, sem uma visão do todo. Alertava que era necessário unir a educação escolar com a educação nas fábricas.

Neste sentido:

A formação de uma juventude operária deve ultrapassar a formação puramente profissional. Deve, é claro, comportar uma educação, como toda formação para juventude; e, para isso, é desejável que a aprendizagem não seja feita nas escolas, onde se faz sempre mal, mas seja logo inserida na própria produção.

Tampouco se pode confiá-lo às fábricas. Nesse ponto é preciso inventar algo. Seria preciso algo que se combinasse as vantagens da escola profissional com as do aprendizado na fábrica, as da oficina de companheiros do tipo atual, e muitas outras. (Weil, 1979, p.363).

Sobre a dificuldade de aplicação de investimentos no setor da educação por parte dos capitalistas, Enguita (1993), alerta-nos para o fato de que ao capitalista não interessa os investimentos a longo prazo, como exige o setor de educação. O mesmo ficaria então, a cargo do Estado, pois àquele interessa assumir diretamente apenas uma parte da qualificação da força de trabalho que emprega ou empregará, sobretudo, aquela que interessa às características especiais da função que irá desempenhar.

Acreditamos que esse fato dificilmente proporcionará a formação integral do trabalhador. Assim sendo, vemos a necessidade do Estado, Sindicatos e ONGs assumirem esse papel.

A maioria dos trabalhadores disseram que gostariam de fazer um curso no local de trabalho e que esse estivesse relacionado com a sua profissão.

Percebemos que muitos trabalhadores estavam preocupados com a questão das novas tecnologias, as quais estão sendo impressas em diversos setores, por não estarem atualizados frente a essa tecnologia, temem perder a função que desempenham. Outros, parecem querer fazer algum curso para conseguir uma ascensão no setor que trabalham.

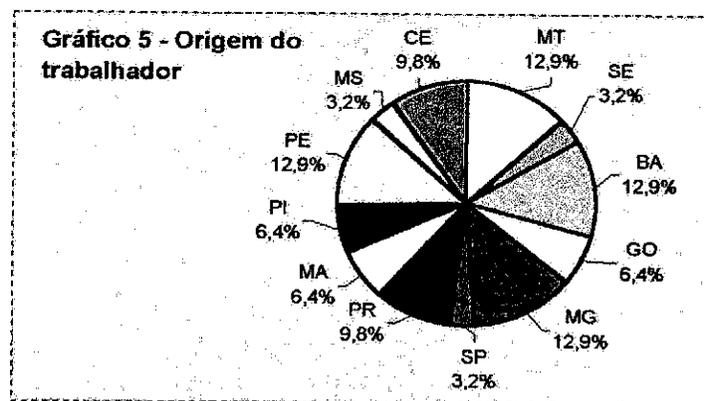
O gerente de administração e finanças da ECM, afirmou que, no início da obra havia intenção da empresa em fornecer cursos de qualificação profissional, em convênio com o Serviço Nacional da Indústria - SENAI, mas que, na época, devido a possibilidade de fazer

hora-extra, já que tinha muito trabalho a ser executado, os encarregados disseram que os trabalhadores preferiam o trabalho extra a fim de melhorar os salários, e isso dificultava a participação deles nos cursos.

Essa situação dificulta cada vez mais o ingresso desses trabalhadores no mundo do trabalho, pois a sociedade exige cada vez mais a formação profissional institucionalizada em detrimento da formação prática que o trabalhador possui, a qual Aranha (1997), denomina de conhecimento tácito, que pode ser entendido como aquele que o trabalhador obtém no seu cotidiano através da prática, onde utiliza elementos de sua vida pessoal para incrementar o seu trabalho e não aquele obtido numa instituição escolar.

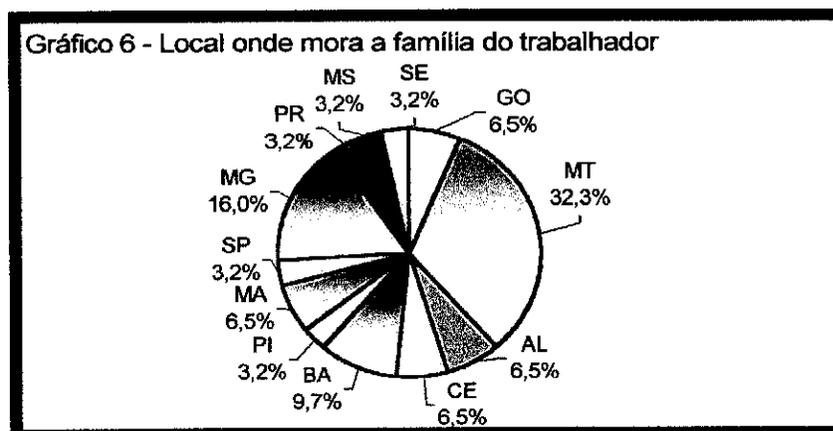
### 3.2- Procedência do trabalhador

Quanto à procedência desses obreiros, (Gráfico 5), a maioria é de outro estado, tendo nascido, no estado de Mato Grosso, apenas 12,9%.



Agrupando os dados por região, temos Centro-oeste: com 22,5%; Nordeste com 51,6%, Sudeste com 16,1% e, região sul com apenas 9,8%.

Mas, de maneira geral, atualmente, as famílias desses trabalhadores não residem mais no local de origem dos mesmos. No Estado de Mato Grosso, onde nasceram apenas 12,9% dos entrevistados, atualmente mora a família de 32,3% dos entrevistados, (Gráfico 6).



Estes dados revelam a realidade da política migratória no Brasil nas últimas décadas. Segundo dados do IBGE, 1999, este foi um dos estados que mais recebeu migrantes de outras regiões do país nas três últimas décadas.

Nos estados do Nordeste onde nasceram 51,6% dos trabalhadores, hoje moram apenas 35,6%, ou seja, menos de 70% dos que nasceram nessa região, aí permanecem, o que também confirma a situação dos estados nordestinos, que há muito tempo vêm se caracterizando como local de expulsão dos trabalhadores que saem à procura de melhores condições de vida (Gráficos 5 e 6).

Devido a situação de desemprego pela qual passa o país, há muito que a migração não garante boas ofertas de emprego, como mostra-nos o depoimento de um trabalhador que nasceu em Formoso no Pernambuco e hoje reside com a família em Cuiabá, MT: “Em Cuiabá não tá muito bom de emprego” (Depoente nº 31).

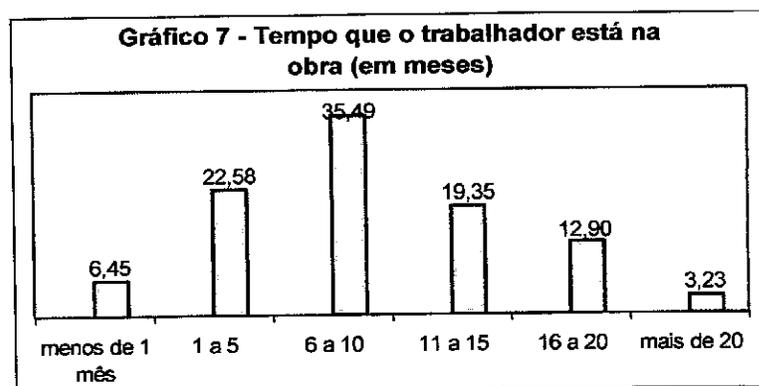
A importância de se resgatar a origem destes trabalhadores, reside, principalmente, no fato de que um trabalho de educação não pode deixar de lado a questão da origem, pois a mesma representa o aspecto histórico-cultural de cada ser humano.

A este respeito, consideramos oportunas as palavras de Paulo Freire sobre a instrumentação da educação e a importância da cultura nesse processo, uma vez que o ser humano é um ser de relações espaço-temporais.

Neste sentido, Freire afirma que,

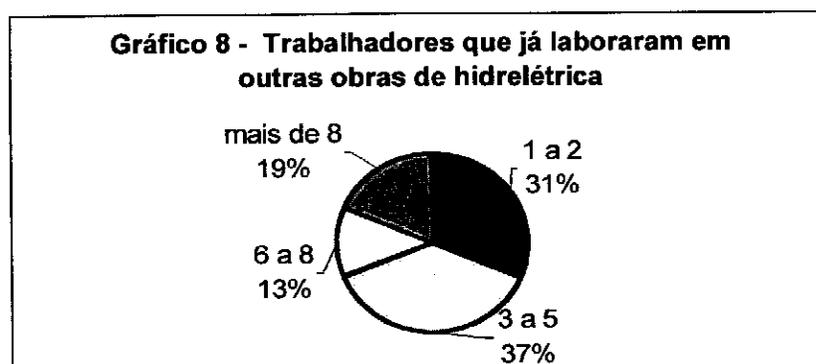
Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais ... O homem é um ser de raízes espaço-temporais ... A instrumentação da educação ... depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica deste ser “situado e temporalizado” e as condições especiais desta temporalidade e desta situacionalidade”. (Freire, 1979, p.61).

A média de tempo que o trabalhador está na obra, de maneira geral é alta, já que a grande maioria está há mais de 06 meses, e a empresa afirma haver uma rotatividade grande. Mas é possível encontrar também aqueles que estão há menos de 01 mês, 6,45%, (Gráfico nº 07). Consideramos que o período de 06 meses seja suficiente para o desenvolvimento de programas formais de educação profissionalizante.



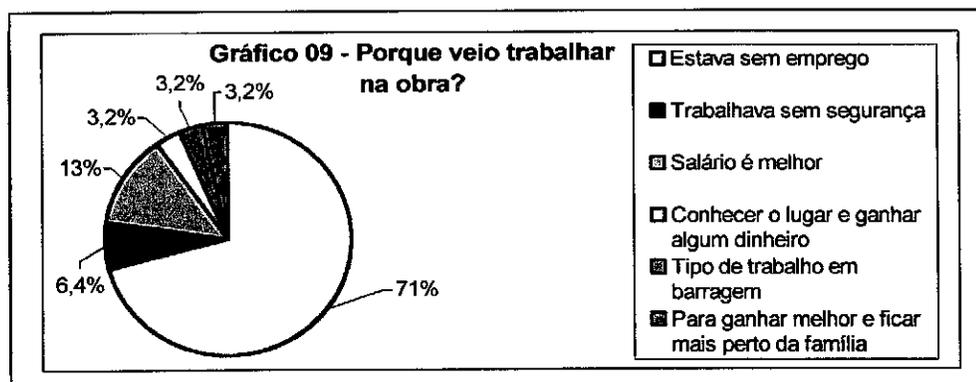
As informações do setor de pessoal são de que a maioria dos obreiros acompanham a empresa e já estiveram em outras barragens. Os dados das entrevistas com os trabalhadores confirmam esta informação, uma vez que 51,61% dos entrevistados afirmaram já ter trabalhado em obras de hidrelétricas e, 48,39% que não.

Dos que já estiveram em outra obra de hidrelétrica, ou seja, 16 entrevistados, 31% estiveram em uma ou duas obras e, 19% em mais de 8 obras (Gráfico nº 08).



As obras mais citadas onde os obreiros participaram da construção foram: Xingó-AL, onde 6 entrevistados disseram ter laborado, Miranda-MG, onde já estiveram 7 dos entrevistados. É interessante a análise deste dado, pois o mesmo mostra que muitos destes trabalhadores passam a maior parte de seu tempo em trabalho com barragens, o que geralmente significa a distância da família, tornando-se o local de trabalho a única realidade concreta dos mesmos por um período muitas vezes maior que 08 meses, isso reforça ainda mais o nosso entendimento de que é preciso haver melhoria no ambiente de trabalho, em muitos casos, ambientes de grande parte de muitas vidas.

Mas por que esses trabalhadores migram tanto, freqüentam tantos locais de barragens? A resposta para este questionamento, mais uma vez passa pela questão sócio-econômica e política, uma vez que envolve a questão do desemprego como motivo para a vinda desses trabalhadores, 71% dos entrevistados, como mostra-nos o Gráfico nº 09.



A taxa brasileira de desemprego anual em 1999, divulgada pelo IBGE foi de 7,6%. Todavia, é certo que em algumas regiões o desemprego é maior e em alguns setores como o da construção civil, este está mais elevado, uma vez que o setor encontra-se em crise.

A questão salarial também é relevante, uma vez que neste tipo de trabalho existe a possibilidade de fazer horas - extras, o que aumenta o rendimento mensal, às vezes em quase 100%, como observamos na fala do depoente nº 05.

Já o depoente nº 08, afirma ter sido influenciado, além da questão salarial, pelo fator sentimental, pois estava trabalhando em outra cidade na qual ficava ainda mais longe da esposa.

Uai, há muito tempo gosto que dá um troquinho melhor. (Depoente nº 5).

Eu tava trabalhando numa firma, mas o salário é maior aqui e fica mais perto da coroa [esposa]. (Depoente nº 8).

Em geral, o motivo de vinda desses trabalhadores está ligado à questão de busca da sobrevivência, ou seja, é uma questão sócio-econômica, para garantir a sobrevivência da família.

Consideramos relevante o enfoque utilizado por Martins, que considera como o aspecto mais problemático da migração, as condições em que a mesma ocorre e a sujeição dos migrantes que

... quase sempre migram dispostos a aceitar condições degradantes de trabalho, humilhações e más condições de vida; de que migram dispostos a abrir mão de concepções mínimas e básicas de decoro, dignidade e direitos. (Martins, 1999, p. 31)

Assim, a definição de migrantes feita por esse autor, enfatiza que os mesmos deixam para trás, inclusive parte de sua vida, como que num sobressalto.

São migrantes, portanto, os que colocam temporariamente entre parênteses o sentido de pertencimento e voluntariamente se sujeitam a situações de anomia, de supressão de valores sociais de referência. (Martins, 1999, p. 31)

A situação das migrações temporárias, envolve não apenas o trabalhador que migra, mas como afirma o autor acima citado, também a família deste, que muitas vezes se desestrutura, em virtude das mulheres ficarem sozinhas, ocorre uma redefinição dos papéis na família, bem como a fragmentação da comunidade .

A respeito das perdas sofridas pelo migrante, Chauí (1994), chama-nos a atenção para as diversas perdas que essa pessoas são expostas. Ocorre então, a perda cultural e invalidação de seus conhecimentos e valores no processo produtivo que muitas vezes não leva em consideração os seus conhecimentos anteriores.

Numa outra perspectiva, Passos (1999), defende a idéia de que esses trabalhadores não perdem os seus valores quando migram pois, os valores adquiridos na primeira socialização, na infância, ficam arraigados na pessoa, não podendo ser totalmente reconstruídos ou destruídos.

Assim, as identidades primais não são destruídas por completo e sequer a pessoa é totalmente reconstruída no encontro com outras.

... é ingênuo pensar na destruição cultural e na desconstrução de identidades como fenômeno social geral. Cada pessoa, povo, grupo possui um nível de defesa que transpõe muros da mera boa vontade e circunscreve um nível de socialização, que se circunscreve ao corpo, e para além dele. (Passos, 1999, p. 19)

Todavia, achamos que esse é um tema complexo, trata-se de um processo dialético, de modo que as idéias aparentemente contraditórias, na verdade não o são, pois as mesmas não são excludentes, mas interpenetráveis, uma vez que há momentos em que essa desestruturação cultural ocorre, quando essas pessoas deparam-se com situações tão caóticas, onde o mais importante acaba sendo a sobrevivência, e então, a negação, o esquecimento de sua identidade, seria quase uma necessidade para conseguir a garantia da sobrevivência.

Por outro lado, a cultura, muitas vezes suprimida, em outros momentos também os ajuda na resistência às dificuldades enfrentadas, quando os mesmos conseguem enxergar-se como seres histórico-culturais, sentindo-se gente e não apenas um objeto do capitalismo perverso, que, ao mesmo tempo que destrói culturas, tentando massificá-las, contraditoriamente, também permite que as diferenças culturais se multipliquem.

Existem alguns aspectos da cultura que, ao nosso entendimento, não se perdem, mas o contato com culturas diversas e a

perversidades do capital acaba por expor essas pessoas a situações de generalização, que dificulta a conservação de seus hábitos, sua cultura, o que se faz com muita dificuldade para as mesmas, como vemos no caso dos refeitórios da empresa onde há uma generalização do tipo de alimentação servida, teoricamente baseada na cultura nordestina, assunto que discutiremos oportunamente.

Para nós, talvez a perversidade maior dessa questão, reside no fato de que essas pessoas são submetidas a situações tão diferentes das de suas famílias que ficaram, que corre-se o risco de que a inculturação ocorrida nos dois polos, dificulte até mesmo a manutenção de muitos laços culturais que unem essas pessoas a suas famílias.

Assim, nesse clima de ausência, o companheirismo dos colegas, um espaço agradável, num clima de solidariedade, mais do que nunca faz-se necessário para minimizar o sofrimento e as perdas sofridas por esses migrantes.

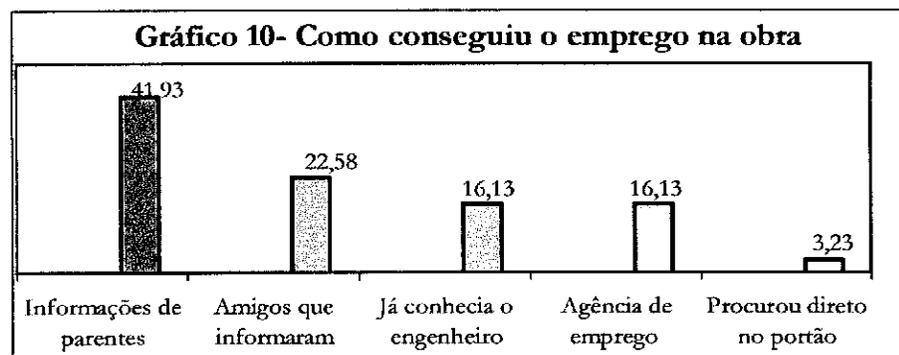
A respeito da influência da questão salarial como uma das formas de desenraizamento operário, Simone Weil escreveu que

Existe uma condição social inteira e continuamente presa ao dinheiro, é a do assalariado, sobretudo desde que o salário por empreitada obriga o operário a ter sua atenção sempre voltada para a contagem dos tostões. Nessa condição é que a doença do desenraizamento é mais aguda ... O desemprego, ... funciona como um desenraizamento de segundo grau ... (1979, p. 439)

Um depoimento chamou-nos a atenção, pois reflete a situação de insegurança que o trabalhador tem vivido nas cidades. “Trabalhava de taxista, mas devido os assaltos a família queria que eu deixasse o trabalho” (depoente nº 02).

Já conseguimos algumas pistas sobre o motivo da vinda desses trabalhadores. Mas outra questão que nos surge é: Como conseguem o emprego, como vieram para a obra?

As relações de amizade e de parentesco ajudam os trabalhadores a conseguir o emprego no canteiro de obras. A análise do gráfico 10, mostra que o maior percentual, 41,93%, veio através de informações de parentes, contra 16,13% que conseguiu o emprego através de agência de emprego, e, apenas 3,23% conseguiu ser fichado direto no portão da empresa, onde ficam muitos trabalhadores por vários dias à procura de emprego.



Para nós não ficou claro se a empresa paga a passagem para a vinda dos mesmos, mas pareceu-nos que não, são os próprios trabalhadores que custeiam a sua passagem de vinda, pois muitos diziam que haviam vindo por conta própria para desempenhar os mais variados tipos de trabalho.

Os tipos de trabalho desenvolvidos pelos entrevistados estão expressos no Quadro 01, sendo bastante diversificada a gama de profissões que o canteiro de obras abriga.

Profissão	Quantidade	Porcentagem
Motorista	02	6,45
Pedreiro	02	6,45
Topografia	01	3,23
Mecânico	01	3,23
Carpintaria	05	16,12
Ajudante de produção de concreto	05	16,12
Montagem de máquina	01	3,23
Pintor letrista	01	3,23
Encanador	01	3,23
Vibradorista	02	6,45
Eletricista	01	3,23
Vigilância	02	6,45
Soldador	03	9,67
Sinaleiro	01	3,23
Manutenção	01	3,23
Operador de guindaste	01	3,23
Ajudante de mecânico	01	3,23
Tatal	31	100%

Fonte: Entrevista com os trabalhadores

Em alguns tipos de trabalhos, os obreiros ficam expostos a riscos diferenciados, mas em geral, o risco característico da construção civil é risco máximo, pois envolve o trabalho em alturas, utilização de explosivos, máquinas ruidosas, exposição à poeiras finas dentre outros fatores que envolvem riscos.

Ao longo da execução da obra, diversas são as funções e os tipos de riscos a que os trabalhadores estão expostos, pois é muito diversificado o tipo de trabalho realizado em cada fase. Em janeiro 2000, quando coletamos a maior parte dos dados, os riscos maiores eram os ruídos devido o intenso barulho de algumas máquinas, o que pode provocar surdez no trabalhador exposto sem protetor auricular, o trabalho em alturas, que pode provocar quedas fatais.

As figuras 04 e 05 oferecem uma idéia de algumas atividades exercidas no canteiro de obras e as condições de exercício das mesmas.

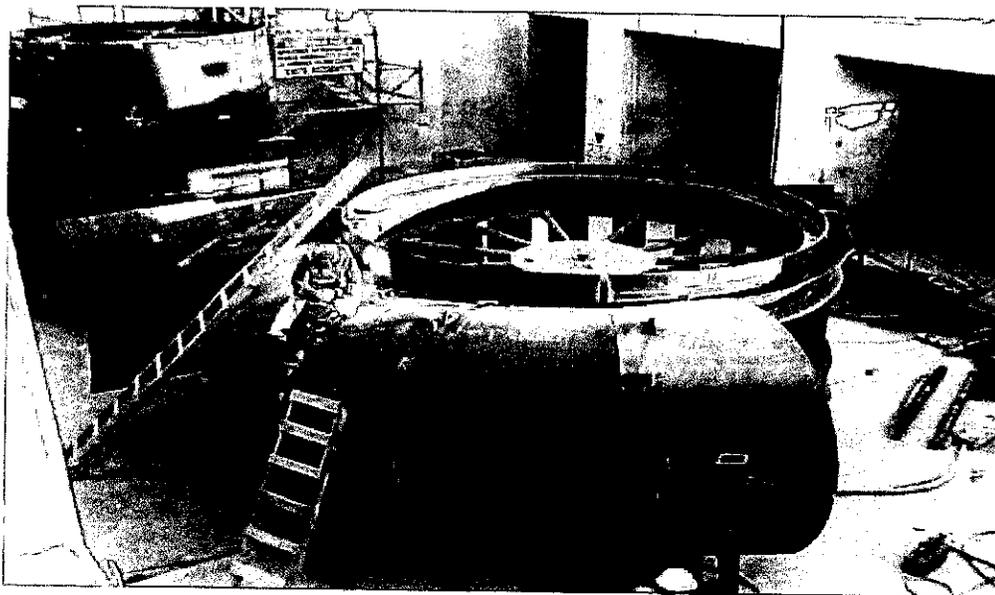


Fig. 04 – Soldagem da caixa espiral  
Fotógrafo: Sérgio S. L. Gato – Arquivo de Furnas – DGA.T

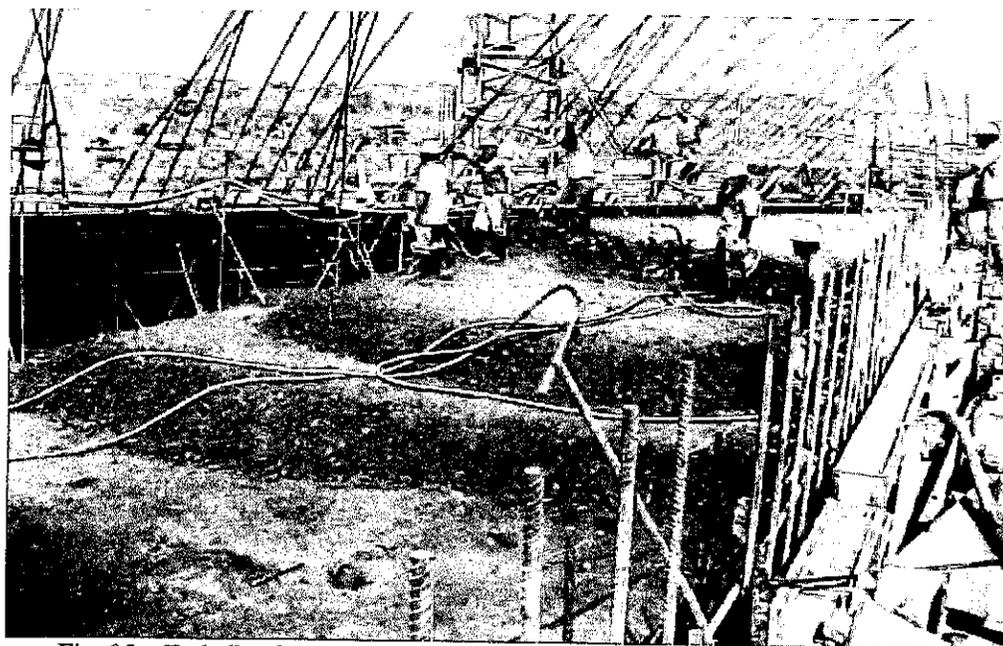


Fig. 05 – Trabalho de concretagem da tomada d'água  
Fotógrafo: S. L. Gato – Arquivo de Furnas Centrais Elétricas - DGAT

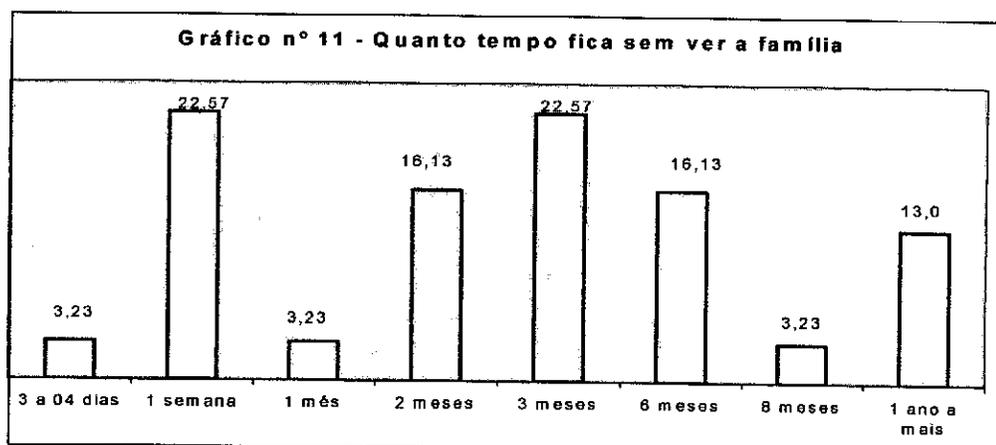
### 3.3 - Condições de Vida no canteiro de obras

De todas as questões levantadas nas entrevistas, aquela que deixou transparecer um maior grau de insatisfação foi a distância da família.

Essa insatisfação, quase absoluta, é expressa não só pela unanimidade do resultado das entrevistas como também e, especialmente, pela emoção observada nas expressões faciais e nos depoimentos.

Em face dessa pergunta, os obreiros geralmente pareciam ter lembranças saudosas de pessoas da família que ficam muito tempo sem ver. É interessante observar que estas entrevistas foram realizadas na primeira quinzena de janeiro, quando a maioria dos trabalhadores haviam retornado de suas casas no recesso de fim de ano. É difícil analisarmos se este fato fez com que a emoção dos mesmos aumentasse ao falar sobre a família ou se, após um longo período sem vê-la, a saudade seria ainda maior.

Quanto mais distante fica o local onde a família mora, maior o tempo de ausência a que o trabalhador está obrigado a sentir. Devido as enormes distâncias das famílias, a maioria deles não vê a família sequer uma vez ao mês e 13% deles, chega a passar mais de 01 ano longe de casa (Gráfico nº 11).



Ainda sobre o tempo que o trabalhador passa sem ver a família, os relatos abaixo exemplificam o sentimento do obreiro ao ser questionado se sente muita falta da família

Nossa Senhora, muito mesmo. (Depoente nº 01).

Ave Maria! Tem dia que tem vontade de morrer de saudade. (Depoente nº 07).

Ave Maria! Se pudesse tava aqui junto com ela agora. (Depoente nº 19).

Sinto bastante. Uma semana parece um mês (Depoente nº 26).

Ah sente! Isso aí é a coisa que mais sente viu. Eu tava esses dias sem vê minha mãe, é a coisa que a gente mais sente viu? (Depoente nº 28).

Sim, isso aí é indispensável. Tem dia que falta até vontade de comê, pensando na família [família]. (Depoente nº 17).

Muita, eu tô saindo da firma por saudade de casa, vê a família. (Depoente nº 25).

Sinto, mas é difícil eu ver porque gasta muito e é cansativo, 5 dias de folga que eles dão a cada três meses. (Depoente nº 23).

A fala do depoente 17, coloca-nos a crueldade desse fato que expõe o trabalhador a uma situação talvez equivalente a uma escravidão branca abrandada.

De acordo com este último depoimento, a cada três meses a empresa fornece 05 dias de folga para o trabalhador visitar a família. Todavia, para aqueles que moram muito distante, por exemplo, este trabalhador cuja família vive na Bahia, só de viagem de ônibus dura 03 dias - ida e volta - de forma que a viagem torna-se cansativa, o tempo que tem para estar com a família é pouco e o preço da passagem é alto, já que a empresa não fornece nenhuma ajuda de custo para a viagem.

Em entrevista com o gerente de administração e finanças, este afirmou que o critério adotado para a dispensa do trabalhador depende da gerência do serviço que ele desempenha, mas em geral, a empresa tem procurado oferecer 03 dias úteis fora a viagem, de 03 em 03 meses, para os “níveis mais baixos.”

No projeto inicial de construção das obras estava prevista a construção de uma vila para os trabalhadores e famílias. Com a construção da vila, seria possível superar as dificuldades de distanciamento do trabalhador com a família.

Qual seria então o motivo da não construção das vilas? De acordo com as informações do gerente de construção de Furnas e do gerente administrativo e financeiro da ECM, o projeto de construção das vilas foi modificado em função da diminuição dos custos, conforme já mencionamos.

Outro motivo apontado pela referida gerência, foi a duração inicial da construção da obra, inicialmente de 06 anos e, na época da sua retomada, o tempo diminuiu para 02 a 03 anos, de modo que, segundo ele, não compensaria a construção da vila.

Ainda conforme este entrevistado, a empresa possui uma entrevista realizada quando do desligamento do funcionário, onde os problemas apontados pelos mesmos é a diversificação da alimentação e a distância da família.

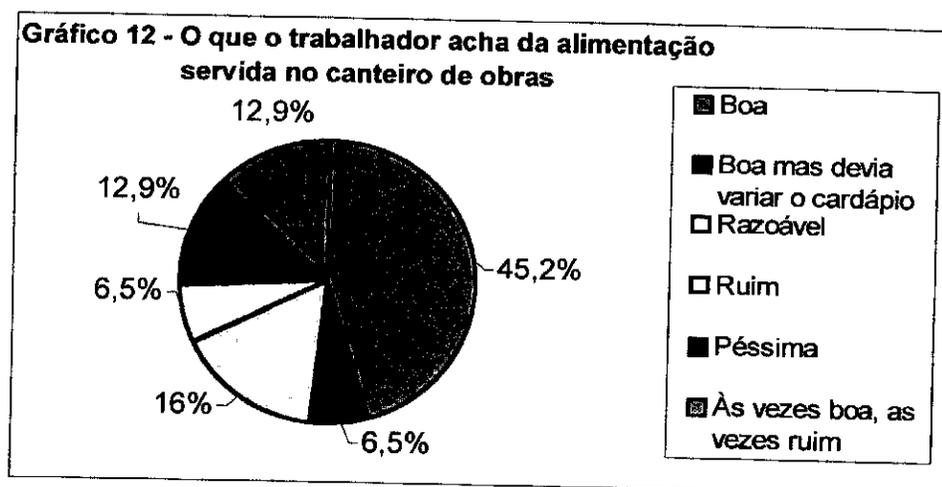
Em entrevista com o médico do trabalho da empresa (depoimento abaixo), este também enfoca a dificuldade de se manter o trabalhador da construção civil longe da família, o que acaba por dificultar o trabalho de sensibilização dos mesmos para as questões de saúde, devido o tempo de permanência na obra.

O que ocorre, às vezes a gente recebe daqui 4 dias ele já tá indo embora. Venceu o tempo de experiência ele já tá indo embora. Então a mão-de-obra em termos de Brasil, a mão-de-obra civil ela, quase 90% está na região sudeste com Nordeste, então a gente tem uma dificuldade ... são muitos trabalhadores de fora e pelo fato de serem de fora estão longe da família e em função disto a rotatividade é muito grande... (grifo nosso).

O problema da rotatividade reflete também na continuidade do curso de alfabetização, desenvolvido na escola do canteiro, pois de acordo com a responsável pelo programa de qualidade de vida, “O único problema nosso aqui é a rotatividade, às vezes o pessoal começa e não tem como terminar, mas já é alguma coisa”.

Dessa forma, é preciso questionarmos se a redução de custos compensa os problemas sócio-econômicos muitas vezes causados por esta ausência da família, ou seja, a diminuição da qualidade de vida do trabalhador e de sua família.

Também com relação à alimentação servida no canteiro de obras, os resultados mostram que os obreiros estão descontentes, pois, apenas 45,2% dos entrevistados consideram-na boa e o restante, maioria, faz algum tipo de restrição à alimentação (Gráfico 12).



A análise dos depoimentos, remete aos problemas apontados pelos depoentes. O mais freqüente é a variedade da comida, especialmente a carne, além de reclamações sobre as filas:

Sem tempero, sem capricho, não tem variedade, fila no refeitório, demora na fila. (Depoente 03)

Às vezes tá bom, às vezes tive problema de estômago, às vezes pega fila e o refeitório lotado. Comida às vezes não é bem temperada. (Depoente° 26).

O problema das filas que se formam ao lado dos refeitórios já se arrasta desde o início da obra. Em conversas informais com trabalhadores que aguardavam para fazer exames periódicos, em abril de 1998, e em observações feitas à época, esse foi um dos aspectos que mais chamou-nos atenção, diante de depoimentos de trabalhadores que afirmavam ter apenas 01 hora de almoço e quando estes conseguiam ser servidos, já estava na hora de retornar ao trabalho.

Observávamos então, que os trabalhadores corriam para pegar um lugar melhor na fila. Como mostram as figuras 6 e 7.

Em entrevista com a responsável pelo Programa de Qualidade de Vida, na época, essa alegava que os refeitórios eram provisórios e logo seriam instalados outros.

Entretanto, após praticamente 02 anos, a situação não foi resolvida a contento e, segundo a atual responsável por esse programa, é difícil prever a quantidade de refeições que serão servidas, uma vez isso depende do número de trabalhadores que estão na obra. “Depende da quantidade do efetivo. O pessoal às vezes não quer pegar fila mas não tem jeito. Mas aumentamos, agora o refeitório é bem maior que era antes, bem melhor estruturado.”



**Fig. 6 - Trabalhadores correndo para fila do refeitório - Abril/1998.**

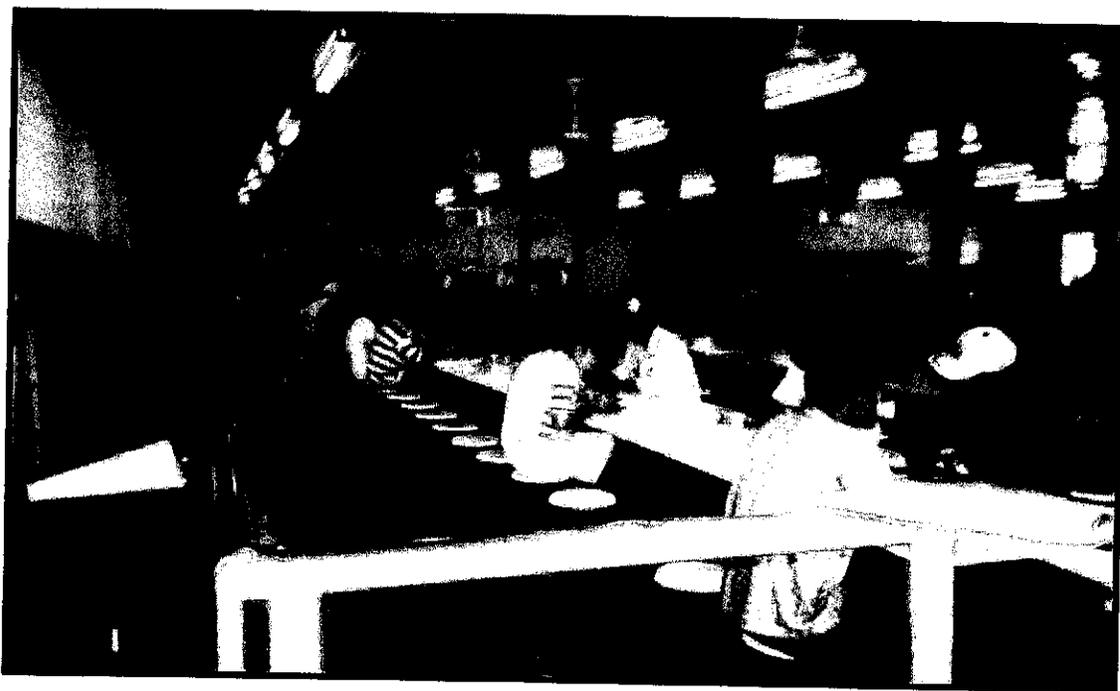


**Fig. 7 - Trabalhadores em fila do refeitório -Abril/1998.**

De fato, hoje refeitório é maior e melhor estruturado, como mostra-nos a figura 8.

Mesmo assim, ainda existem filas para o almoço, pois os trabalhadores saem das frentes de serviço praticamente no mesmo horário. De acordo com a nutricionista, ela tentou conversar com os encarregados para que estes programassem horários diferentes para o almoço, mas os mesmos não consideraram esta possibilidade.

Percebemos que quando existe um efetivo grande na obra, são os trabalhadores que sofrem com as estruturas provisórias e insuficientes, mas quando a estrutura é melhorada, tornando-se mais ampla, o que facilita um pouco a vida desses trabalhadores, logo a empresa começa a desmontá-la na medida em que diminui-se o número de trabalhadores na obra, como já começa a ocorrer nesta fase com os alojamentos e os refeitórios.



**Fig. 8 - Interior do Refeitório atual. - Janeiro/2000.**

Ao nosso ver seria melhor se a empresa deixasse-os montados para melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, uma vez que quando o efetivo é grande estes têm que arcar com as estruturas provisórias. Dessa forma, os obreiros poderiam, por exemplo, ficar em menor número em um quarto.

Em outros relatos, constatamos que os usuários do restaurante Tipo “C”, reclamam da qualidade da alimentação, algumas vezes atribuindo isso ao fato de ser ela preparada em grande quantidade.

Conforme entrevista com a nutricionista responsável pelos restaurantes, em janeiro de 2000, eram feitas em média 750 refeições em cada turno, diariamente.

Ainda segundo a nutricionista, a distinção entre os tipos de refeitório é feita de acordo com as necessidades alimentares que as diversas categorias funcionais dos trabalhadores e também devido aos hábitos alimentares dos trabalhadores braçais, que não gostam de comidas diferentes, ou seja, novidades.

Essa justificativa não corresponde com os anseios dos entrevistados, uma vez que a maioria reclamou da falta de variedade na alimentação.

O cardápio, segundo a nutricionista, é preparado tomando-se por base, de modo geral, os hábitos alimentares dos nordestinos, pois segundo informações, a maioria dos trabalhadores são dessa região. Mas não foi realizada entrevistas para questionar os gostos alimentares.

A alimentação o caba come porque tá com fome, mas tem dia que é ruim, é feito pra muita gente. (Depoente n° 12).

Péssima. Às vezes dá pro cara comê, às vezes nem come, tem hora que piora de tudo. (Depoente n° 13).

Rapaiz, daí é ruim porque de vez em quando faz mal pra mim. (Depoente nº 09).

Regular, deveria ser melhor. A chefia come melhor e quem trabalha mesmo come pior. (Depoente nº 11).

No último depoimento, verificamos um desabafo sobre a situação de diferença estabelecida entre as diversas categorias de trabalhadores do canteiro de obras. O obreiro sente-se desvalorizado quando percebe as diferenças estabelecidas entre os diversos tipos de trabalho.

Diante do depoimento da nutricionista, verificamos a dificuldade que há em se respeitar o multiculturalismo, pois o ser humano é classificador, aglutinador. Assim, ao trabalhar com a idéia de que a comida é feita tomando-se por base os hábitos nordestinos, a aglutinação dificulta, retira a possibilidade de respeito à identidade. Quantas culturas diversas existem apenas no nordeste e que acabam sendo tratada como uma? Isso para não falarmos nas outras culturas. Além disso, sequer uma pesquisa para verificar os gostos alimentares dos trabalhadores foi realizada. Por que não podem ser oferecidas variedades para que o trabalhador braçal faça sua escolha, como ocorre no restaurante tipo A e em menor grau no tipo B?

Ainda segundo a nutricionista, os trabalhadores braçais precisam de uma alimentação mais reforçada, pois o trabalho dos mesmos dispende mais energia, daí também a necessidade da alimentação dos mesmos ser separada dos outros setores.

Os depoimentos abaixo, dão-nos a impressão de alienação de alguns usuários em relação a situação de diferença social, provavelmente ocasionado por anos de exploração justificados pela ideologia dominante

trabalhada por meio de ditos populares que afirmam dever o pobre se contentar com o que lhe é oferecido, pois muitos nem isto tem.

Olha eu gosto porque é o que o pobre come é isso mesmo (Depoente n° 01)

Tem dia que tem boa. Não é boa mas é o jeito de servir tá servindo né? Não tem muita variedade (Depoente n° 18).

Mas, se analisarmos a possibilidade semântica de interpretação dessa fala, veremos os diversos sentidos que a mesma pode expressar. Por um lado, ao considerarmos a racionalidade da cultura popular, importante quando falamos das classes subalternas, verificamos que aquilo que aparentemente traduz-se num comodismo, alienação, muitas vezes funciona como um bálsamo para o sofrimento dessa classe, uma idéia construída para suportar a dor e ajudar a viver de acordo com a realidade.

Nesse sentido,

a cultura popular como memória da alternativa ... deveria ser pensada no contexto da dificuldade que uma grande parcela das classes subalternas tem de poder agir somente dentro de um quadro previamente delimitado. (Valla, 1996, p. 187)

É importante considerarmos a ambigüidade presente na fala popular, pois ao mesmo tempo em que serve para aplacar as dificuldades, também aliena, uma vez que o trabalhador perde o controle de sua vida, escondendo as raízes do problema com um discurso fatalista, de trabalhadores despolitizados, o que faz com que a exploração torne-se um fato natural, que não pode ser alterado.

Para Chauí (1994), a cultura popular deve ser entendida como ambígua, difícil de explicar-se, pois às vezes contém significados aparentemente contraditórios, traduz-se num jogo de conformismo e

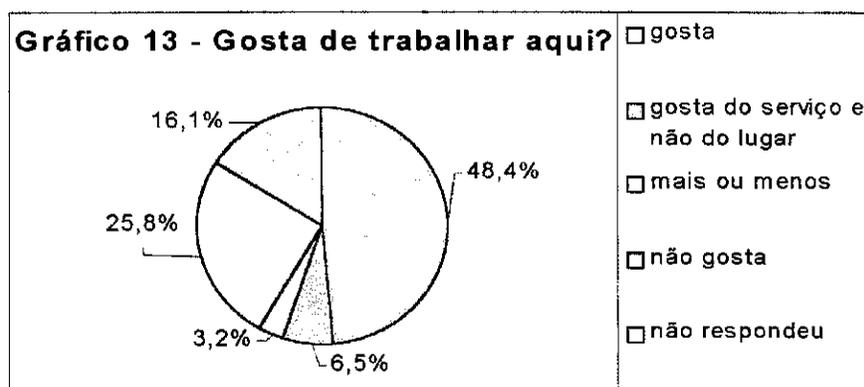
resistência.

Nos dois relatos abaixo, percebemos que alguns trabalhadores mostram-se confiantes e satisfeitos com a refeição.

Boa, já tive oportunidade de conversar com a nutricionista e descobri que eles não usam salitre. (Depoente nº 16).

Óia, na minha opinião não tá ruim não, sempre modifica. (Depoente nº 31).

Indagados sobre gostar ou não de trabalhar no canteiro de obras, 48,4% dos entrevistados, afirmou positivamente. Os demais, conforme constatamos no Gráfico 13, ou responderam que não gostavam ou fizeram alguma objeção quanto ao local de trabalho que também constitui o espaço de moradia dos mesmos.



A esse respeito, a resposta de um trabalhador, de vinte e poucos anos, cujo irmão trabalha também no canteiro de obras, chamou-nos bastante a atenção, pois o mesmo, em respostas reticentes, espontâneas, por vezes confusas, afirmou: “Considero isso aqui a uma prisão, só que aqui sou preso por mim mesmo.” Importante considerarmos que esse foi o mesmo trabalhador que fez um questionamento, a nosso ver o mais contundente, sobre a diferença entre os alojamentos dos braçais e os alojamentos das outras categorias.

Na verdade, a crueldade dessa questão, está na falta de alternativa para o trabalhador que não encontra emprego em sua região, tendo que migrar, tornando-se então um “prisioneiro” não de si mesmo mas da realidade social em que vive.

Interessante colocarmos que esse trabalhador disse gostar do trabalho que faz, o questionamento que o mesmo faz não é em relação ao tipo de trabalho, mas à situação em que este é oferecido.

Isso mostra-nos que nem sempre o canteiro de obras é prazeroso para o trabalhador, especialmente por ser o local distante da residência de sua família, o que faz com que muitos só saiam de lá em caso de doença ou para visitar a família, o que ocorre num intervalo de tempo muito prolongado. Conforme já mencionamos, este fato também restringe a convivência desses trabalhadores com pessoas alheias ao local de trabalho, como vemos nos depoimentos abaixo.

Não. Ficá longe da família e dos contato humanos. (Depoente nº 11).

Até mais ou menos, só não é melhor que tá longe da família. (Depoente nº 28).

Gosto, mas tô saindo da firma por saudade de casa, vê a família. (Depoente nº 25).

Aqui é bom, o que não pode é passar mais de 20 dias. (Depoente nº 03).

Gosto muito não. O lugar é longe da cidade, fica longe de casa e é do alojamento pro trabalho, refeitório e só. (Depoente nº 23).

Neste último depoimento, percebemos que a vida destes trabalhadores fica muito restrita ao ambiente de trabalho e todas as relações que ele estabelece estão neste espaço, no qual constrói os seus sonhos, sua realidade de vida, suas relações sociais.

Constatamos durante as entrevistas que nem todos os trabalhadores possuem um turno fixo de trabalho, pois vários deles afirmam que trabalham uma semana à noite e outra durante o dia.

A respeito do trabalho em turno alternado (TTA),

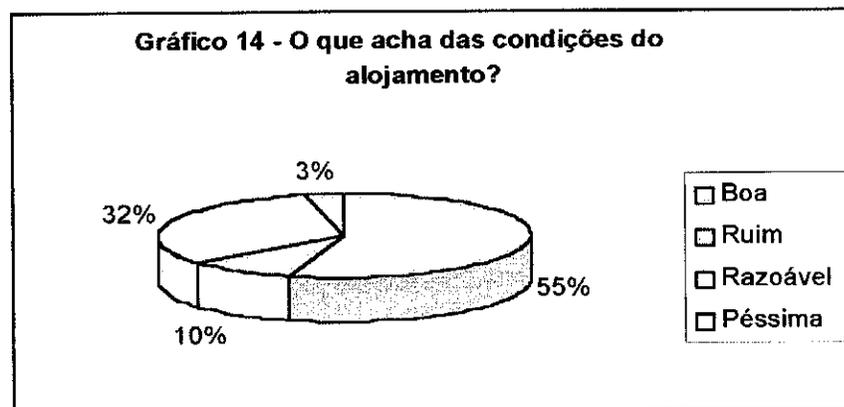
... é possível constatar-se que a subjetividade do trabalhador é invadida por sua condição de trabalho ... confirmam-se os dados de que o trabalho e suas condições contaminam o trabalhador no sentido biológico, psicológico e ambiental, sendo que toda a energia psíquica e física se volta para o trabalho desgastante, não sobrando, dessa maneira energia para sair ou melhorar suas condições ... (Marques, 1999, p.13)

Os efeitos das condições de trabalho sobre a qualidade de vida do trabalhador, podem ser percebidos nestes depoimentos que falam sobre descanso durante o dia no alojamento, uma vez que este é o turno em que trabalha a maioria das pessoas, dificultando o descanso daqueles que trabalham à noite, por causa do barulho provocado pelos movimentos de carros, máquinas, pessoas e outros, além do calor durante o dia, no alojamento mal arejado.

Rapaiz, quando a gente tá dormindo de dia a quentura é muita, tem só um ventilador. (Depoente n° 7);  
Tá bom né? Tem que dizê que tá bom. Às vezes acho errado é o alojamento, é ônibus, é caminhão. Ali em cima onde tem o estrelão eles entram a pé, aqui, atrapalha o descanso direto (Depoente n° 11).

Este último trabalhador, quando refere-se ao “Estrelão”, denominação utilizada para o local onde funciona o Departamento Administrativo da ECM e onde ficam os alojamentos Tipo 3-4 , e 5-6, mostra um alto nível de insatisfação, principalmente ao perceber a estratificação pela sua condição social, o que pode ser entendido como uma forma de resistência, de indignação, denúncia.

Quanto às condições dos alojamentos, a maioria, 55% afirmou serem boas. Mas, o restante, considerou de ruins a péssimas, como percebemos no Gráfico 14.



Em geral, os problemas apontados nos alojamentos dizem respeito à limpeza nos banheiros, distância da área de lazer e da cidade, não chamar quando a família liga e, principalmente, a pouca ventilação nos quartos, como mostram os depoimentos seguintes.

Uai, regular, aqui falta a limpeza melhor nos banheiros. O telefone para família, eles não costumam chamar no quarto. (Depoente nº 19)

As condições do alojamento é essa mesmo. O mais difícil é o lazer que é longe da obra. Bom quando é bem pertinho. (Depoente nº 19)

Não é bom, bom. Mas tem canto que é melhor que aqui. Dá prá... (Depoente nº 12).

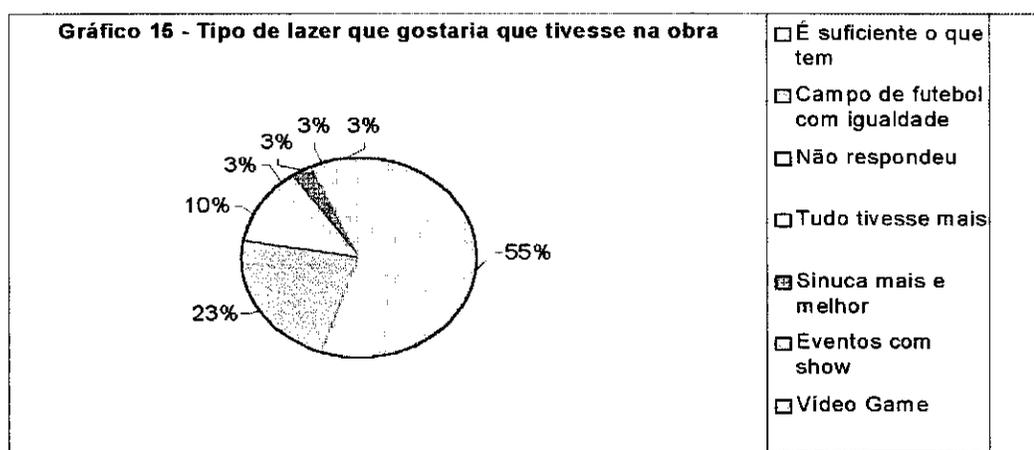
Não é ruim não, é razoável. O que é ruim é só o vento que falta. (Depoente nº 27)

Nesse último relato, aparece a questão da ventilação nos quartos. Uma observação nos mesmos permitiu-nos visualizar que realmente a ventilação era pouca, pois só existia um ventilador de teto no quarto.

A respeito da limpeza, os responsáveis pelos alojamentos

afirmaram que a mesma é feita uma vez por semana nos quartos e diariamente nos banheiros.

Para a maioria dos trabalhadores, a área de lazer é boa, sendo suficiente o que apresenta, 55%. (Gráfico 15). Mas, para outros, um percentual significativo, 23%, ela deveria ter campo de futebol com igualdade, já que segundo eles, os campos que existem, nas proximidades do escritório da ECM, são utilizados apenas pelo pessoal dos alojamentos 3-4 e 5-6.



Mas, segundo a coordenadora do Programa Qualidade de Vida, todos têm acesso aos campos de futebol, basta reservar com antecedência.

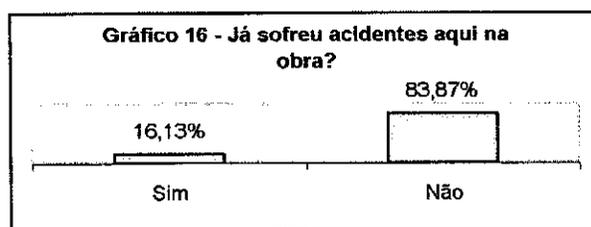
Acreditamos que não seja possível aos trabalhadores braçais utilizarem as quadras e os campos de futebol, pois acreditamos que a localização desses fora da área de lazer dos mesmos, foi planejada de maneira proposital, o que por sua vez, já denota uma forma de segregação.

### 3.4- O trabalhador e o meio ambiente

Quanto ao grau de sensibilização dos trabalhadores em relação ao meio ambiente de trabalho, a maioria dos trabalhadores afirmou ter medo de sofrer acidentes. Percebemos que isto pode funcionar tanto como um componente para que o obreiro utilize os Equipamentos de Proteção Individual - EPIs, como também pode significar uma situação de estresse, pelo fato de influenciar psicologicamente quem está exposto ao risco.

A esse respeito, chamou-nos a atenção o depoimento do depoente nº 20, que afirmou: “Não tinha não, agora se voltar a trabalhar, tenho.” Essa fala, reflete que uma vez acidentado, nesse caso específico, o trabalhador encontra-se há quase 01 ano em recuperação do acidente no qual quebrou as duas pernas. Esse fato fez com que o mesmo passasse a ter medo de um novo acidente, além de sentir-se mal por estar parado e não poder aumentar seus rendimentos fazendo horas extras.

O gráfico nº 16 representa o percentual daqueles que sofreram acidente de trabalho nesta obra, os quais são minoria, 16,13% dos entrevistados.



O espaço de tempo considerado para essa resposta foi o que cada entrevistado esteve na obra de Manso, pois em outras obras, há vários relatos de pessoas que já sofreram acidentes, mas não

conseguimos registrá-los, pois, às vezes, eles abordavam esse fato espontaneamente, em conversas informais.

Os acidentes relatados são, de maneira geral, acidentes de gravidade média, conforme relatos abaixo.

O cano carregado de concreto caiu no meu pé e com bota e tudo arrancou 02 unhas. (Depoente nº 14).

Quebrei as duas pernas. Já vai fazê 01 ano que estou parado. (Depoente nº 20).

A mangueira pegou aqui no meu olho e a sorte foi o óculos. (Depoente Nº 10).

Com a marreta. Estava sem capacete, com pressa para almoçar. (Depoente nº 26).

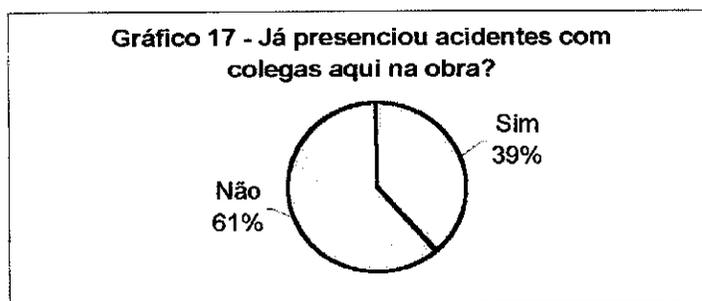
Nos depoimentos acima, constatamos a diversidade em que ocorreram os acidentes e a idéia que o trabalhador faz dos equipamentos de segurança.

Os EPIs nem sempre são capazes de evitar os danos à saúde do trabalhador, como percebemos no primeiro depoimento acima, mas conseguem reduzir o seu impacto, conforme se vemos no segundo depoimento. A partir do momento que o trabalhador percebe que o equipamento o protegeu de um acidente grave, este parece valorizá-lo mais.

Mas, o último depoimento, mostra que nem sempre o trabalhador está prevenido, muitas vezes, por causa da pressa, geralmente provocada pelas filas no refeitório, o que faz com que o trabalhador queira chegar logo ao mesmo para não enfrentar filas. Esse episódio vem reforçar em nosso entendimento, a necessidade de uma integração entre os diversos setores da empresa.

Apesar de um número pequeno de trabalhadores ter relatado que já sofreu acidente, o percentual de trabalhadores que já presenciou

acidentes com colegas é maior, representa 39%.



Os principais acidentes presenciados com os colegas, são quedas, acidentes com energia elétrica, queda de algum material sobre a cabeça, dentre outros que julgam ser leves.

Os técnicos de segurança consideram acidentes com perda de dia e sem perda de dia, ou seja, com ou sem afastamento. Em 1999, segundo informações do técnico de segurança, ocorreram 32 acidentes sem afastamento e 17 com afastamento.

Desde o início da obra, ocorreram 02 acidentes fatais no canteiro de obras. Num dos acidentes, mesmo estando utilizando os equipamentos de segurança, o trabalhador não teve a menor chance de sobreviver, pois o poste de alta tensão no qual ele estava trabalhando, caiu sobre o mesmo. Segundo o supervisor da equipe de segurança foi uma falha no próprio poste, a qual era imprevisível.

O outro acidente foi com veículo automotor e, nesse caso, também de acordo com informações da equipe de segurança, foi uma falha do trabalhador que encontrava-se embriagado. Mas o fato é que a questão da segurança no trabalho era bastante falha no início das obras, como tudo lá, era provisório.

Quanto à dificuldade de adaptação do trabalhador ao equipamento de segurança, foi questionado se a empresa procura buscar

várias alternativas de equipamento de proteção para que o mesmo possa ter escolha. De acordo com o supervisor de segurança, é sempre buscado o equipamento de melhor qualidade, principalmente o capacete que possua a carneira de tecido, o que proporciona maior conforto ao trabalhador.

A engenharia aplicada ao ambiente de trabalho visa a melhorar a produção, com relação à quantidade/qualidade do produto final, sem preocupação com o homem. Os postos de trabalho são concebidos para a produção e produto. O homem deve adaptar-se a eles (Bisso, 1990, p.38).

Segundo Morata (1999), especialista em perdas auditivas causadas por produtos químicos e ruídos, hoje existem várias alternativas de equipamentos de proteção e o ideal é que a empresa busque várias alternativas para que o empregado o ache confortável e utilize-o.

A empresa realiza também campanhas denominadas de incentivo, onde verifica-se periodicamente as equipes que sofreram maior ou menor número de acidentes. Aquelas que sofreram um menor número de acidentes são destacadas e premiadas de alguma forma.

Contraditoriamente, a empresa faz campanhas de produtividade para as equipes de trabalho, buscando fomentar o cumprimento das metas do serviço em termos de quantidade. Isto é complicado, pois pode levar ao descumprimento ou à não observância de algumas normas de segurança e mesmo da não realização do Diálogo Diário de Segurança – DDS, devido a aceleração do ritmo de trabalho, objetivando receber o prêmio.

Segundo o Supervisor da equipe de técnicos de segurança, quando isto ocorre, sua equipe faz paralisar os trabalhos, realizando ela

própria o DDS e chamando atenção dos encarregados sobre a responsabilidade da empresa para com os trabalhadores.

Para os responsáveis pela equipe técnica de segurança e pelo Programa Qualidade de Vida, as campanhas de prevenção de acidentes estão sendo satisfatórias.

Os entrevistados, na sua maioria, afirmaram fazer horas - extras e, no início das obras, em conversas informais com trabalhadores, os mesmos afirmam que viravam jornada para aumentar o ganho.

Os salários pagos, de modo geral, são baixos. Alguns afirmaram que recebem R\$ 1,96 por hora, outros disseram receber R\$ 3,20. A maioria, disse não saber ao certo quanto recebe por mês sem hora-extra, mas achavam que era em torno de R\$ 250,00, para as funções por exemplo de ajudante de concretagem. Para aqueles que exercem funções de motoristas, eletricitista, os salários são maiores, em média uns R\$ 450,00 mensal. Buscamos obter essa informação junto ao Departamento de pessoal, mas não conseguimos obter resposta.

De modo geral, a hora - extra funciona como um incentivo a mais para estes trabalhadores, pois aumenta o seu rendimento. Todavia, é certo que após uma jornada muito longa de trabalho, o empregado fica mais exposto a acidentes.

Mas, conforme o supervisor de segurança, a empresa faz um controle visando que o trabalhador cumpra pelo menos as 11 horas de descanso exigidos por lei. “Automaticamente, se existe uma dobra, no outro dia ele não trabalha”

Para o médico do trabalho na obra, o grande problema da construção civil hoje é o ruído, com o qual a equipe médica está bastante

preocupada, de forma que são realizados exames periódicos por uma fonoaudióloga que faz parte da equipe médica da empresa.

Entretanto, surpreendeu-nos a resposta de um trabalhador que ao ser questionado sobre a utilização do equipamento de segurança afirmou que não usa o protetor auricular porque não recebeu o adequado.

No início da construção das obras da Usina, quando estivemos lá pela primeira vez, verificamos uma maior incidência de trabalhadores sem utilizar o equipamento de proteção, especialmente o capacete, que era mais visível e também a máscara contra poeira, na época a estrada no interior do canteiro de obras não era asfaltada e existiam trabalhadores sinalizando nas curvas, a fim de evitar acidentes. Alguns deles utilizavam a máscara de proteção, outros não.

Em janeiro de 2000, quase dois anos após as primeiras visitas à obra, percebemos que já havia um índice muito menor de trabalhadores sem utilização dos equipamentos de proteção.

Talvez isto deva-se a uma maior fiscalização por parte da empresa, mas segundo os responsáveis pelos programas de prevenção de acidentes, está havendo uma maior sensibilização dos trabalhadores para a utilização dos EPIs, o que também foi confirmado pelas entrevistas, pois muitos trabalhadores afirmam que mesmo sem fiscalização utilizariam os equipamentos de proteção.

Todavia, numa observação mais cuidadosa, constatamos que alguns EPIs, como o protetor auricular ainda não fora incorporado pelos trabalhadores, pois em locais de barulho muito intenso, onde havia placas indicando o uso obrigatório deste equipamento, muitos trabalhadores ainda não o utilizava.

Isto se deve ao fato de que o barulho não representa uma situação de perigo imediato, pois a surdez profissional, lesão irreversível, talvez hoje o maior vilão da construção civil, geralmente ocorre após um período considerável de exposição ao barulho, quando muitas vezes o trabalhador já não está trabalhando naquela firma.

Apesar da maioria parecer sensibilizada para a importância da utilização dos EPIs, 87,13% dos entrevistados afirmou que utilizaria os EPIs independente de fiscalização, alguns ainda demonstram a necessidade de fiscalização, como se vê na análise dos depoimentos seguintes:

Porque o capacete pode cair um trem na cabeça e se for pegado sem capacete a 3ª vez vai embora. A gente pode facilitar em alguma coisinha mas sempre tive medo de acidentes. (Depoente nº 03).

Usaria, só que não era o normal né? As vezes fui pego. (Depoente nº 08).

Usaria, mas com a fiscalização é mais rigoroso né? Muitas vezes a gente deixa de usá. (Depoente nº 22).

Dependendo sim e não. Tem hora que a gente confia na gente mesmo né? (Depoente nº 29).

De todo jeito tem que usá porque tem gente em cima de você. (Depoente nº 26).

Sim. Porque eu já sei da norma, eu já sei que uma hora pode acontecê um acidente e é culpa da pessoa. (Depoente nº 31).

Olha, aliás eu não uso todos que aquele de pô no ouvido eles não passaram o certo. (Depoente nº 8).

Usava. Se não tivesse eu não trabalhava, também tem prego e ferro véio aí pra tudo que é lado e eu ia andá sem bota? (Depoente nº 13).

Os três primeiros depoimentos apontam para a necessidade de mais programas de educação, no sentido de sensibilizar os trabalhadores

de que o direito à utilização dos EPIs, constitui um fator a ser perseguido pelos trabalhadores, independente de fiscalização.

Na fala do depoente nº 31, observamos o poder de moldar comportamentos que tem algumas normas de segurança do trabalho.

A respeito das funções da norma jurídica, Miranda Rosa (1978), escreve que a mesma constitui-se o mais eficaz instrumento institucionalizado de controle social. Atribui ainda outras funções importantes para a norma jurídica, quais sejam: educadora, transformadora e conservadora.

Nesse caso específico, interessa-nos a função educadora, que funciona no sentido de moldar as opiniões sociais e o comportamento grupal, através de um processo de aprendizado e de convencimento de é socialmente útil ou bom agir de determinada maneira.

Por outro lado, surpreende-nos o último depoimento, pois indica a consciência do obreiro para a utilização dos equipamentos de proteção e a importância dos mesmos para sua própria proteção.

Este seria o pensamento ideal do trabalhador, o de exigir da empresa o cumprimento das normas de proteção, uma vez que este é um direito do obreiro, ou seja, trabalhar em um ambiente o mais saudável possível.

A respeito das medidas de proteção coletivas, o supervisor da equipe de técnicos de segurança disse ser esta também uma preocupação forte da CIPA, que procura indicar medidas para a diminuição dos riscos no canteiro de obras, como a construção de escadas em áreas de difícil acesso.

Este seria um papel importante a ser desempenhado pelo Sindicato dos Trabalhadores junto com a CIPA da ECM, no sentido de

fortalecer as pressões para a melhoria do ambiente de trabalho de forma a minimizar os riscos a que o trabalhador está exposto.

A impressão que tivemos é de que as medidas de proteção coletivas, nem sempre recebem o mesmo tratamento que as medidas de proteção individual, e a recomendação seria de que o enfoque fosse o mesmo, pois algumas destas medidas conseguem eliminar o risco na fonte, com máquinas menos barulhentas por exemplo, ou barreiras que eliminam o ruído na fonte.

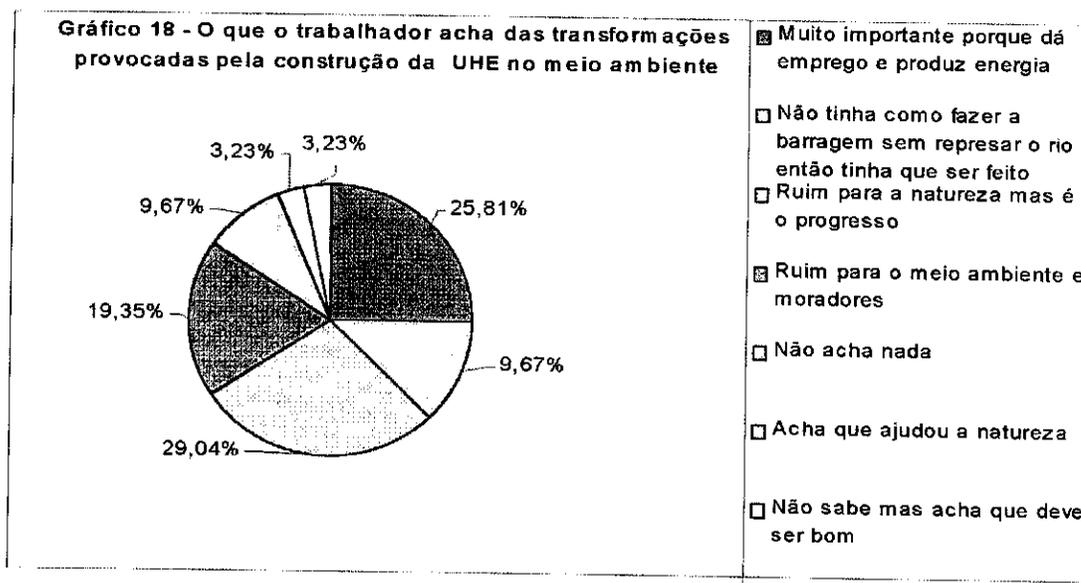
As medidas de proteção individual, sem dúvida muito importantes, não eliminam o risco pela fonte, porém, funcionam como um paliativo. Daí a relevância de que este assunto seja discutido junto à sociedade para que a mesma tenha consciência da necessidade de se melhorar o ambiente de trabalho em todas as áreas, mas especialmente nas mais insalubres.

Segundo um dos membros da equipe de técnicos de segurança, numa reunião denominada “Salva-vidas”, realizada em Cuiabá, na qual estiveram presentes diversos segmentos da sociedade, constatou-se que a CIPA da empresa não era operante e então discutiu-se formas de implementá-las de fato no canteiro de obras.

#### **4.4.1. O olhar do trabalhador sobre as alterações provocadas no meio ambiente pela construção do reservatório**

Sobre as alterações que estão sendo feitas no meio ambiente, os dados mostram que nem todos os trabalhadores estão sensíveis aos problemas que a hidrelétrica causa ao meio ambiente e o que tem sido e poderia ser realizado para minimizar esses impactos.

Mas, para muitos trabalhadores, 19,35%, as mudanças que estão sendo feitas no rio são ruins. Outros entendem que são ruins para a natureza, mas necessárias, porque representam o progresso, 29,04% (Gráfico nº 18), ou seja, na realidade, 48,39% dos entrevistados são sensíveis aos problemas causados ao meio ambiente.



Se considerarmos que alguns trabalhadores, 9,67, preferiram não se posicionar não responder à questão talvez por achá-la muito polêmica e não querer comprometer-se, o que achamos que ocorreu, poderíamos afirmar que a maioria fez restrições às mudanças na natureza, demonstrando preocupação com o meio ambiente.

Outros trabalhadores, consideram que as mudanças eram necessárias para fazer o rio e então tinha que serem feitas sem demonstrar preocupação se isto é bom ou ruim para o meio ambiente .

Encontramos ainda um trabalhador que disse achar que a construção do lago foi bom para a natureza, pois segundo ele, depois que construíram o lago não mais deixaram que ninguém pescasse dentro do canteiro de obras.

A visão da natureza como fruto da mão de obra divina aparece no primeiro depoimento.

Isso é ruim. Porque eu acho o seguinte, que os estragos tá fazendo o desvio das águas e isso é contra a lei de Deus. Aqui perto de Minas Gerais tem uma barragem que rompeu. E estraga muito a natureza, deprava (Depoente nº 15)

Fica meio esquisito, por exemplo, este rio era bem mais cheio e hoje a gente passa e está vazio mas diz que é passageiro, que vai ter controle (Depoente nº 26)

Acho que o rio principalmente, sei lá né, pelo menos a parte que ficou pro pessoal fechá, tá prejudicando, eu num sei lá pra trás lá. (Depoente 29)

Sei lá, eu acho um trem errado que tão fazendo com a natureza. Desviá um rio, tirá um morro do lugar que nem quando fechou as comportas, morreu muito peixe aí (Depoente nº15)

Esses depoimentos mostram que a natureza física é que está presente no conceito que esses trabalhadores possuem sobre o meio ambiente. Como se vê nos relatos acima, a maioria deles fala no rio como se fosse o único elemento da natureza a ser prejudicado com a construção da hidrelétrica, o que é, de uma certa maneira, natural uma vez que esse é o elemento que está mais próximo desses trabalhadores, cujas mudanças acompanham diariamente. Os outros efeitos, geralmente, eles apenas ouvem falar.

Já em outros depoimentos, aparece a questão das pessoas que foram prejudicadas com a construção das hidrelétricas, os moradores da região que foram transferidos de lugar, mas mesmo fazendo essa observação, consideram que esse é um processo necessário, porque será melhor para o povo, no futuro.

Acho que foi necessário, não tinha como fazer a represa sem estancar o rio, desapropriar as pessoas. (Depoente nº 18).

Olha pro bem do povo achando bom. Eu não entendo muito desse negócio de meio ambiente. Hoje o pessoal tá sofrendo mas mais tarde será melhor né? (Depoente nº 03).

Uai, porque pra natureza atrapalha um pouco mais em termos assim de tecnologia melhora bastante né? (Depoente nº 04).

Eu acho o ideal né? Acho que tem que ser feito, fica bom pro pessoal aqui e dá emprego, se não tivesse muita gente tava na pior. (Depoente nº 13).

Não sei falá, a gente só trabaia, não sabe se tá prejudicando alguém ... mas deve ser bom né? (Depoente nº 17).

A oferta de emprego aparece como uma justificativa para as alterações no ambiente, como se vê no penúltimo relato.

No último depoimento, aparece novamente a questão da duplicidade de sentido, da nossa dificuldade em entender a fala da classe popular.

Para nós, essa fala pode mostrar a situação de alienação do trabalhador quanto ao produto de seu trabalho, provocada pelo fetiche da mercadoria, por nós já enfocado, e pela reprodução do discurso da classe dominante de que não existe outra alternativa para o “desenvolvimento”, a criação de emprego, sem apontar outras possibilidades, como o investimento em tecnologias alternativas de produção de energia.

Por outro lado, achamos que a mesma também pode significar uma forma de evitar comprometimento por parte do trabalhador que que tem observado de perto as alterações no meio ambiente e,

percebendo a polêmica em torno do assunto, tem medo de comprometer-se.

Essa foi a questão mais difícil de tabular, uma vez que as respostas surpreenderam-nos, pois mostram-se como que contraditórias, alternativas, como percebemos nessa fala: “eu num sei. A única coisa que acho sobre o rio é que desapropriou muitos peixinhos aí do lugar, as pessoas também... mudou muito.”

Observando a fala das pessoas, é possível detectar um certo inconformismo com os impactos ambientais da obra, mas a lógica da sociedade em que estão inseridas, leva-as à emitirem pareceres sobre a falta de alternativas para a produção de energia elétrica.

Além disso, percebemos também que, ao mesmo tempo em que alguns trabalhadores, percebendo as polêmicas em torno da construção da hidrelétrica, não queriam posicionar-se para não comprometerem-se, muitas vezes, acabavam emitindo algum juízo de valor sobre a questão abordada, quer fosse pela forma reticente, pensativa de responder, quer fosse pela maneira um tanto “ingênua” de dizer: Eu num entendo muito desse negócio de meio ambiente.

E o meio ambiente do trabalho, como vem sendo tratado no canteiro de obras? O que os trabalhadores pensam sobre as campanhas educativas que estão sendo realizadas no canteiro de obras? Como são estas campanhas? É isso que procuraremos responder no próximo capítulo do trabalho.

## **Cap. IV - Campanhas e programas educativos presentes no canteiro de obras**

### **4.1- Educação não-formal**

A educação não- formal, está presente no canteiro de obras da UHE Manso de diversas formas, mas especialmente através dos programas de prevenção de acidentes através das palestras e DDS, realizadas pela Equipe de Técnicos de Segurança e pelos encarregados das frentes de serviços, além das placas, cartazes, panfletos e um jornal informativo distribuído para todos os trabalhadores.

No que tange diretamente às campanhas de medicina e segurança no trabalho, a legislação trabalhista já avançou bastante e hoje exige que o empregador procure reduzir os riscos inerentes à atividade, por meio de medidas de proteção coletivas e individuais, EPIs.

Está previsto na Constituição Federal, no art. 7º inc. XXII, que: “São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: Redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança.”

Assim, essa é uma responsabilidade da empresa, que deve fiscalizar a utilização dos EPIs, além de procurar eliminar os riscos na sua origem. Talvez por isso seja este o fator mais enfocado, atualmente, no canteiro de obras.

Nos primeiros meses após o início da obra, não eram cumpridas as exigências de medicina e segurança de saúde. Segundo o Presidente do Sindicato da categoria, após uma visita do Ministério do Trabalho e do Sindicato, a empresa passou a ser cobrada e procurou implementar o programa de higiene e segurança no trabalho.

De acordo com o Supervisor da equipe de técnicos de segurança, o trabalho preventivo é iniciado a partir de um treinamento introdutório, o qual visa a prevenção e a qualidade de vida do trabalhador e, depende da admissão do pessoal periodicamente.

Ainda conforme o referido supervisor, às vezes, o trabalhador não se adapta ao uso de EPIs, principalmente por achar a região muito quente.

Desse modo, são realizadas, além do treinamento inicial, o Diálogo Diário de Segurança - DDS, onde busca-se a participação das equipes de trabalho.

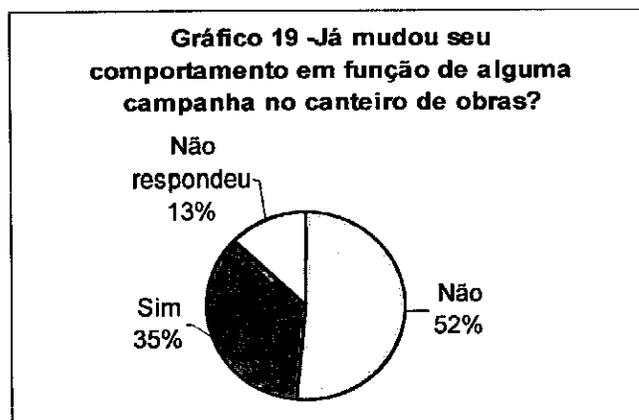
Sobre as campanhas realizadas no ambiente de trabalho, a maioria dos entrevistados responderam que acham-nas boas por incentivar mais o pessoal e alertar sobre o perigo.

Eu acho bom que a pessoa fica prevenida (Depoente n° 01).

Teve muita utilidade as palestras. Elas é um alerta né? Tem gente que não acha bom (Depoente n 08).

Acho que são boas, tem um tal de DDS, eles informam sobre segurança e saúde (Depoente n° 27).

De acordo com as respostas dos trabalhadores, 35% deles já mudou seu comportamento em função de alguma campanha realizada no canteiro de obras (Gráfico 19)



Podemos dizer que, apesar de não ser a maioria que afirmou ter mudado de comportamento, o percentual dos que afirmaram ter mudado é significativo.

A mudança de comportamento constitui-se num processo educativo, pois conforme Freire, “... é educação toda experiência na qual as pessoas mudam a sua maneira de ver as coisas, enriquecem a maneira de encarar a si mesmas, os outros e a realidade circundante” (1979, p.38)

Assim, a educação resulta de um processo de aprendizagem advinda do cotidiano e da experiência desses trabalhadores no ambiente de trabalho e vida.

As mudanças de comportamento citadas foram as mais diversas. Dois deles responderam sobre a questão do lixo, outros sobre o desperdício, sobre as doenças causadas pelo uso do cigarro, troca de equipamentos muito usados, dentre outras.

Os depoimentos abaixo, sobre o que acha das campanhas educativas/preventivas mostram que o trabalhador sempre observa o comportamento dos colegas, às vezes repreendendo-o em sua concepção de vida.

Ajuda né que muitas vezes alerta a pessoa. Tem uns finge que esqueceu (Depoente nº 09).

Eu não mas sei de muita gente que mudou. Depois das palestras sobre DST, o pessoal deixou de freqüentar uns “lugarzinhos” aí por causa dos riscos.( Depoente nº 15).

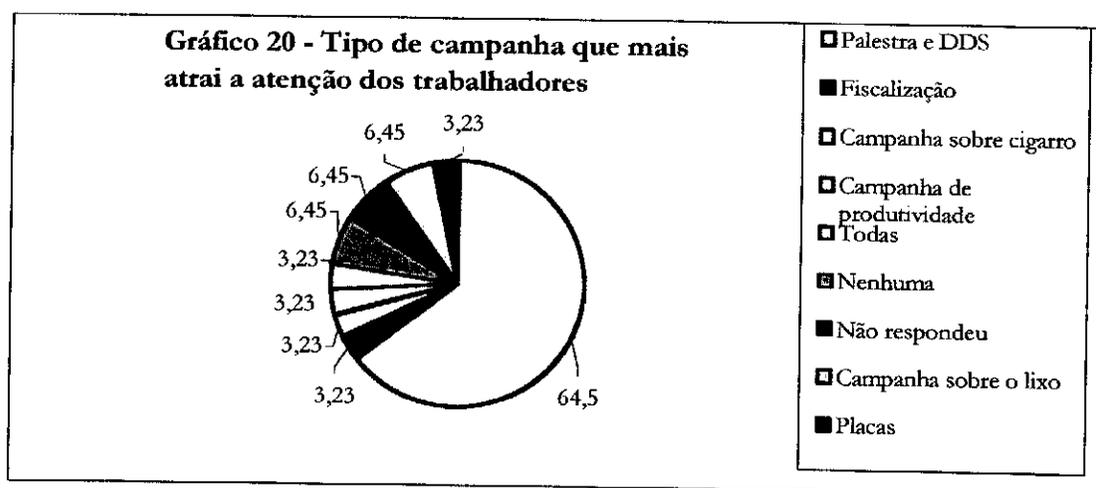
Nesse último depoimento, o trabalhador refere-se às boates (casas de prostituição), freqüentadas por alguns trabalhadores. O setor de medicina do trabalho organizou palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis no canteiro de obras e parece que os trabalhadores passaram a preocupar-se mais com a questão.

Percebemos que os acidentes muitas vezes funcionam como uma lição dolorosa, como nesse depoimento: “Depois do acidente teve lição de moral, mais outra aula de segurança, agora estou prestando mais atenção” (Depoente n° 26).

De acordo com o supervisor da equipe de segurança, a ocorrência de acidentes funciona como um alerta.

Olha, às vezes por questão de ocorrência de acidentes, às vezes até digamos assim, ajuda né? ... Já tivemos 01 ou 2 casos aí que o trabalhador tava usando cinto de segurança corretamente, sofreu um deslize e não sofreu lesão... . Então quando existe uma ocorrência deste tipo a gente faz o comentário, até identifica a pessoa ... busca aquilo como exemplo a passar para outros trabalhadores.

A maioria dos entrevistados, 64,5%, quando indagados sobre o tipo de campanha que mais atrai sua atenção no ambiente de trabalho, disse ser a palestra. Cremos que esse fato deva-se ao contato vivo que a mesma proporciona e também porque permite a inferência dos trabalhadores (Gráfico 20).



Nos depoimentos abaixo, percebemos a importância que os trabalhadores dão para o aprendizado obtido nas palestras. Isso demonstra

a importância deste método para a educação, onde pode ser incluído diversos aspectos da realidade, pois os trabalhadores participam da mesma, uma vez que esta atende aos seus anseios.

Sobre os EPIs. Cada vídeo mostra como se deve usar os equipamentos. Cada vez que faz a palestra cê aprende mais um pouco. (Depoente nº 15)

Da palestra de segurança, prevenindo acidente né? Explica como o acidente já aconteceu. Já é um alerta pra gente. DDS, encarregado. (Depoente nº 20)

Palestra, exige mesmo, às vezes descuida que é ruim de usá. (Depoente nº 22)

Palestra. Explicam mais, fazem com vídeo entende mais um pouco. (Depoente nº 1)

Olha, seno que começa a explicá direitinho eu perco tempo pra escutá, só não gosto é de comício. (Depoente nº 3)

As palestras são realizadas quando o trabalhador começa a trabalhar na obra, por determinação do Ministério do Trabalho. De acordo com o supervisor da equipe de técnicos de segurança, quando se verifica que alguma equipe não está cumprindo as determinações de segurança, procura-se fazer palestras para aquela equipe.

Nesse último depoimento, percebemos a riqueza da fala popular. Esse entrevistado, numa resposta aparentemente inocente, faz uma severa crítica aos discursos que enganam o povo, geralmente utilizados em comícios, muitas vezes mais para confundir que para esclarecer.

O trabalhador sente-se valorizado quando pode participar da discussão, pois percebe-se como sujeito do processo de interação de aprendizagem, como verificamos na fala abaixo.

É mais importante a palestra. A gente tá discutindo ao vivo, cê tem direito de ouvir e de falá, fazer pergunta (Depoente nº 8)

Campanha como largue o cigarro correndo. Por causa do assunto, o cigarro prejudica as pessoas (Depoente nº 18)

O setor de qualidade de vida produz e distribui um jornal informativo para os trabalhadores. Este jornal, constitui-se num bom instrumento de informação que pode ser utilizado como veículo de educação ambiental para os mesmos, uma vez que a maioria dos entrevistados, 51,6% disse que o lê (Gráfico 21).



Por outro lado, da forma como é produzido, pela própria empresa, representa mais um veículo da ideologia capitalista da empresa servindo como um meio de inculcação das idéias da mesma, promovendo uma maior despolitização dos trabalhadores, na linguagem dos jornais denominados, “colaboradores”.

Nesse sentido, pensamos que o ideal seria que o jornal contasse com a participação dos trabalhadores para a sua produção, ou seja, que os mesmos pudessem discutir os assuntos dos jornais em conjunto com o setor de qualidade de vida.

Não tivemos acesso a todos os números dos jornais já produzidos, apenas a 06, que nos foram oferecidos pelo setor de Qualidade de Vida. Num dos exemplares, anexo 02, observamos que é abordada a

questão do lixo, da utilização dos EPIs, dentre outros temas quase sempre ligados à obra.

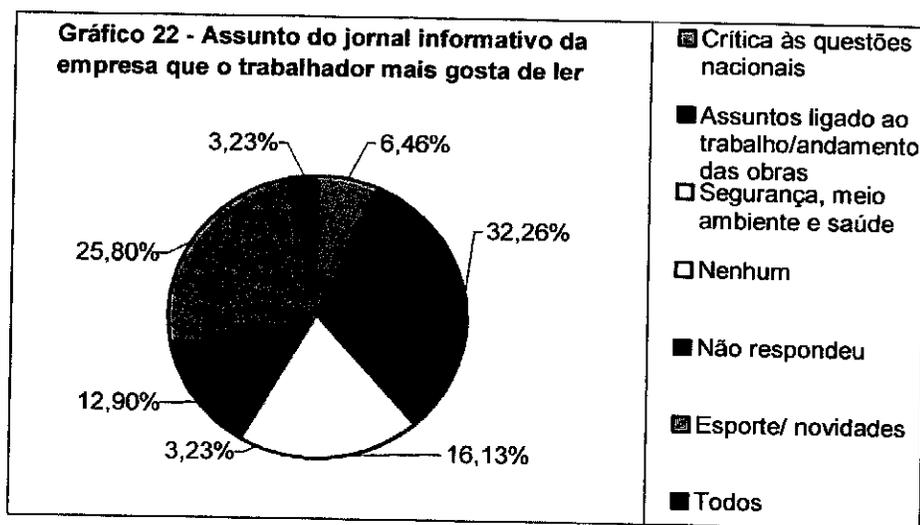
A linguagem do jornal é sempre no sentido otimista, de incentivar o empenho dos obreiros nas campanhas desenvolvidas, como as campanhas de prevenção de acidentes, da coleta seletiva do lixo, de produtividade, dos torneios e momentos de confraternização promovidos pela empresa.

Para que o jornal seja utilizado como um instrumento de educação ambiental, é necessário que seja aumentada a quantidade e a forma de distribuição dos mesmos pois muitos trabalhadores disseram que não tiveram acesso ao jornal e que gostariam de lê-lo.

Quase sempre o jornal traz alguma nota sobre a questão do lixo e do desperdício no canteiro de obras. Segundo informações da nutricionista, as campanhas sobre desperdício, realizadas no início das obras, quando estivemos lá pela Segunda vez em 1998, observávamos faixas próximas ao restaurante sobre “bandeja limpa”, surtiram um bom efeito, pois conseguiram reduzir em muito as sobras de alimentos nas bandejas.

Também é interessante observarmos que o número de páginas dos jornais podem ser aumentadas (atualmente são de 02 a 04), proporcionando espaço para os trabalhadores expor suas idéias, além de notícias sobre questões políticas nacionais, esportes nacionais, dentre outros assuntos apontados pelos trabalhadores como assuntos que acham interessante. Além disso, quando abordar as questões sobre o andamento da obra, é importante que as questões ambientais sejam levantadas, o que não ocorreu em nenhum dos exemplares que tivemos acesso.

O gráfico 22, mostra-nos os assuntos que os obreiros mais gostam de ler. A maioria, 32,26%, afirmou gostar dos assuntos ligados ao andamento da obra e campanhas de produtividade e vale tranposte, enquanto 16,13% disse gostar de ler assuntos ligados ao meio ambiente, segurança e saúde.



Um dos aspectos que mais chamaram-nos a atenção foi a sinalização feita pela empresa sobre a utilização dos equipamentos de proteção, sobre os locais de perigo e mesmo sobre o trânsito no canteiro de obras. As placas ligadas à área de segurança, como por exemplo, a que vemos na figura 09, são bem distribuídas em quase todos os lugares no canteiro de obras, especialmente próximo aos locais de serviço.

Encontramos também algumas placas voltadas para a pesca e para a conservação do meio ambiente em alguns locais do canteiro. Segundo informações dos técnicos de segurança da ECM, as placas sobre o meio ambiente é de competência de Furnas.



Fig. 9 - Placa sobre segurança no trabalho no interior do canteiro de obras

A maior parte das placas voltadas para o meio ambiente produzidas por Furnas ou mesmo pela ECM, diz respeito à questão do lixo, sendo que boa parte das placas produzidas por Furnas ficam próximo ao seu escritório, onde os trabalhadores braçais da ECM não frequentam habitualmente, não sendo muito numerosas as placas distribuídas pelo canteiro de obras, onde se encontram mais placas sobre segurança do trabalho.

Indagamos se à construtora, não caberia investir um pouco mais nas placas educativas que não fossem específicas sobre a segurança do trabalho, a partir do entendimento que o meio ambiente é uno.

Uma abordagem pela Equipe de Técnicos de segurança no trabalho, em parceria com os setores de qualidade de vida do consórcio e da equipe de meio ambiente de Furnas poderia alcançar resultados significativos, como os que vêm sendo alcançados com a segurança no trabalho.

Os cartazes, panfletos e placas constituem-se num importante veículo de comunicação utilizado pela educação não - formal no interior do canteiro de obras, pois a maioria dos trabalhadores, 90,32% afirmou que sempre os lê e apenas 9,68% disse que, algumas vezes lê, outras não.

A relevância deste instrumento de educação não-formal no canteiro de obras, pode ser constatada nos depoimentos abaixo, os quais mostram que os trabalhadores costumam ler as placas, faixas, cartazes e panfletos pois consideram-nos importantes para a sua segurança, pois serve como um alerta.

É bom, cê tá trabalhando, vê e se toca.  
(Depoente 26).

Gosto, a gente vai lendo e ficando mais orientado. (Depoente nº 9).

Isso é obrigação da gente para ficar informado  
(Depoente nº 11).

Leio. É importante, a gente fica ciente sobre orientação (Depoente Nº 21).

Para outros, estas servem como meio de informação do que se passa na empresa, como mostram os relatos abaixo.

Gosto, ficá mais informado do que se passa na empresa. (Depoente nº 29).

É bom porque fica informado sobre tudo o que acontece na empresa. (Depoente nº 17).

Sempre leio, principalmente quando a gente é novato. (Depoente nº 31).

Há ainda aqueles que afirmam ser curiosos, por isso procuram ler tudo o que encontram pela frente.

Sempre eu gosto, curiosidade. (Depoente nº 22).

Gosto, logo que vejo uma, vô logo sabê o que é.  
(Depoente nº 14).

Sempre lê, gosto de ler, sou meio curioso nessas coisas. (Depoente nº 28).

leio tudo o que eu vejo, uma das coisas que eu mais gosto de fazer é ler (Depoente nº 18)

Os depoimentos acima, contrariam a idéia de que o trabalhador braçal não gosta de ler. Nos dois últimos relatos, constata-se o gosto do trabalhador pela leitura e busca de informações.

Sobre a prática da educação ambiental no canteiro de obras, a responsável pelo programa qualidade de vida disse que tem trabalhado somente a questão do lixo, mas acha que os trabalhadores não estão correspondendo, como se percebe na fala da responsável pelo Programa de Qualidade de Vida.

Tem vários latões de lixo, além do lixo seletivo, só que eles não usam e quando usam o latão de lixo seletivo, jogam tudo misturado e não adianta que eu peço, eu vou lá, gente. É assim, às vezes a gente, ah! porque é questão de cultura, o pessoal não está acostumado com esses tipos de coisa e tal, mas a gente faz de tudo pra eles se adaptarem e não se adaptam (Responsável pelo Programa Qualidade de Vida).

Em seu depoimento percebemos que a responsável pelo programa qualidade de vida sente-se um tanto perdida sobre essas campanhas. Percebemos que sobra boa vontade e falta preparo para que a mesma possa lidar melhor com essas questões. Caso a empresa realmente tivesse interesse nessa questão, o correto seria contratar uma assessoria, ou mesmo que a empresa tivesse alguém ligado à área educacional no setor de qualidade de vida.

A responsável pelo setor de qualidade de vida parece não entender o porquê da falta de resultados efetivos de seu trabalho. Assim, acaba atribuindo os resultados negativos à falta de cultura dos trabalhadores, falta de costume em utilizar o lixo seletivo, sem perceber que

provavelmente tenha faltado uma sensibilização desses trabalhadores para essa questão.

Ainda assim, as campanhas realizadas parecem ter sensibilizado pelo menos três trabalhadores, que, ao serem interrogados se alguma campanha já havia mudado o comportamento dos mesmos no canteiro de obras, responderam espontaneamente sobre a mudança de comportamento em relação ao lixo.

É boa né, deixá lixo fora do lixo (Depoente n° 29).

Essa do lixo aí, eu não joga mais no chão (Depoente n° 06).

Sim, a questão dos tambores de lixo (Depoente n° 07)

Em vários pontos da obra, alojamentos, refeitórios, área de lazer, escola e ambulatório, encontramos latões para coleta seletiva do lixo, com placas educativas, como se vê na figura 10 .



Fig. 10 Placa sobre coleta seletiva de lixo entre a sorveteria e o ambulatório

## 4.2 - Educação Formal

O canteiro de obras conta com 02 salas de aula que ficam próximas à área de lazer (figura 11). Inicialmente, era previsto um convênio com o Sesi para trabalhar na área de educação, saúde e de lazer.



Fig. 11 - Vista externa da escola de Manso e de alguns alunos

Porém, segundo a responsável pelo programa qualidade de vida, a parceria com o Serviço Social da Indústria - Sesi na área da educação não se concretizou devido ao custo muito alto que o Sesi apresentou. De acordo com o programa anterior apresentado pelo Sesi, que tivemos acesso em 1998, e em entrevista com a coordenadora do programa de alfabetização de adultos do Sesi, sobre o tipo de educação a ser abordada, a mesma afirmou que a empresa trabalhava com o método Paulo Freire, partia-se da realidade dos trabalhadores. Continuou dizendo que, devido as inúmeras alterações que vinha ocorrendo no rio com a construção da hidrelétrica, seria impossível não abordar as questões ambientais. Mas, terminou enfatizando que teriam também que falar sobre os benefícios da hidrelétrica, pois “senão a empresa vai nos

convidar a se retirar de lá”, o que parece ter ocorrido antes mesmo de chegarem.

Achamos que por um lado isso foi bom, pois a professora, talvez por ser alguém lá da empresa também, apresenta-se bastante entrosada com os alunos. Disse-nos que os mesmos gostam de conversar e brincar com ela.

Por outro lado, a parceria que estava planejada com o SESI que também é uma instituição com ideologia patronal, mas que possui vários programas de educação de adultos, além de programas de atualização e cursos de inglês e espanhol, o que poderia ampliar os horizontes dos trabalhadores.

Com o fim das negociações com o SESI, foi feita uma parceria com a Prefeitura de Chapada dos Guimarães que forneceu o material e os certificados para os alunos, e a empresa entra com os recursos materiais e de pessoal.

O método de alfabetização adotado é o Alfa, mesmo método trabalhado nas zonas rurais nas áreas próximas. O calendário de aulas não segue o calendário da escola formal, geralmente as aulas iniciam-se em janeiro quando o pessoal retorna do recesso de final de ano.

O trabalho na escola atualmente é realizado por duas professoras que trabalham na própria obra. A mais experiente, possui curso de biologia e pedagogia e tem aproximadamente uns 35 anos. A outra é bastante jovem, aparenta uns 23 anos e está iniciando como professora agora, não tinha experiência com sala de aula. Ao nosso ver é como uma assistente da outra professora.

Inicialmente, o trabalho foi iniciado com uma professora vinda de Cuiabá. Mas, segundo a responsável pelo programa de

Qualidade de vida, estava difícil porque ela ficava muito tempo parada pois só havia aulas à noite. Então decidiram contratar professoras que já estavam na obra.

Normalmente, a professora mais experiente fica na sala de alfabetização e a outra fica numa sala ao lado, trabalhando com os alunos que já sabem ler e escrever e querem apenas atualizar-se. Mas, no dia em que estivemos na escola, estavam em período de sondagem para ver que alunos ficariam em cada sala e distribuindo o material didático, de maneira que ocupavam a mesma sala. (figura 12).



Fig.12 – Professoras em sala de aula com os alunos no período de sondagem

Durante o período de mais ou menos 01 hora e meia, estivemos dentro da sala de aula, onde procurávamos conversar com alguns alunos e observar um pouco o ambiente da escola, mais para entendê-lo que avaliá-lo.

Notamos que a professora não sentiu-se muito à vontade com a nossa presença, talvez sentisse como se estivesse sendo avaliada, parecia achar-nos intrusa, o que talvez fôssemos mesmo, ou talvez por que tenhamos chegado à mesma encaminhados pela gerência administrativa e não sozinhos, como fizemos com os alunos da escola e

os trabalhadores braçais que ficaram bem à vontade, inclusive alguns que estavam na escola acabavam interagindo-se conosco e tornando a conversa bem mais informal, onde de repente, éramos entrevistada e não entrevistadora.

Verificamos, enquanto estivemos na escola que muitos alunos que já possuíam a 8ª série, ou mesmo o 2º grau procuravam a escola para matricularem-se dizendo que queriam manter-se atualizados, mas a professora dizia que estavam matriculando apenas aqueles que tinham até a 4ª série ou que não soubessem ler e escrever.

Na escola, tinha aproximadamente uns 25 alunos (as) sendo apenas três mulheres com idade entre 35-40 anos e um senhor de uns 55 anos. Os demais eram mais jovens, de aproximadamente 25-35 anos.

As alunas estavam bastante atentas à atividade que havia sido passada no quadro e não conseguimos conversar com as mesmas. Dois rapazes, que já possuíam mais escolaridade, enquanto aguardavam os demais colegas terminar as atividades, conversaram conosco. Os mesmos disseram querer manter-se atualizados e recordar a matéria, especialmente matemática, que precisam para a profissão.

Ao conversarmos com a professora, perguntamos se a mesma já havia feito algum trabalho de educação ambiental junto aos alunos, ao que a mesma respondeu: “Ah! Eu falei para eles. Falei sobre a importância de algumas plantas medicinais da região.” Percebemos que a preocupação da empresa é mesmo a transmissão de conhecimentos voltados para a alfabetização dos trabalhadores, não existindo muito a preocupação em discutir aspectos ambientais.

O relacionamento da professora com os alunos pareceu-nos muito bom pois os mesmos parecem sentir-se muito a vontade com a

mesma que acha que muitos alunos a vêem como uma amiga e sentem confiança em conversar assuntos pessoais com a mesma. Em 1999, disseram ter alfabetizado/atualizado 35 alunos que receberam o diploma numa cerimônia de encerramento das aulas.

## Considerações Finais

E não vos conformeis com este mundo, mas, transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, a perfeita vontade de Deus.

(Romanos, 12:2)

Consideramos que a metodologia adotada nessa pesquisa foi adequada para o que havia sido proposto, não por ter-nos oferecido todas as respostas, mas por suscitar muitas outras, antes não existentes, isso apesar das dificuldades sentidas na realização do trabalho de campo, ou quem sabe até por causa delas, uma vez que o canteiro de obras possui um ritmo bastante acelerado, de modo que não encontrávamos muito tempo para realização da pesquisa.

A falta de veículo para nossa movimentação no canteiro de obras, o que havia sido recomendado por Furnas, se por um lado dificultou nosso trabalho por temos que andar as grandes distâncias do canteiro a pé, num sol fortíssimo, por outro, permitiu-nos sentir mais de perto algumas reclamações dos trabalhadores quanto à distância da área de lazer dos mesmos.

No canteiro de obras sentimos fome, cansaço, intimidação, alegrias, indignação e saudade de casa, sentimentos que também ajudaram-nos a conseguir uma maior aproximação com os nossos entrevistados.

Consideramos que o programa de qualidade de vida implementado no canteiro de obras, apesar de apresentar muitas falhas, pode ser considerado bom se comparado com as práticas de outras empresas. Entretanto, a questão econômica ainda prevalece sobre as

questões da qualidade de vida, conforme verificamos nas falas dos representantes da empresa e dos depoentes.

O fato da não-construção da vila operária e da demora na construção dos alojamentos, refeitório, área de lazer, escola, ou seja, da infra-estrutura necessária para abrigar os trabalhadores demonstra que o mais importante para a empresa é a lógica economicista e não a qualidade de vida do trabalhador.

Assim, a qualidade de vida precisa ser enfocada com mais vigor, procurando-se criar uma gerência para o setor, que deveria contar com a participação de pessoas com formação pedagógica, uma vez que muitos problemas do mundo do trabalho passam pela questão da sensibilização dos trabalhadores muito mais que pela elaboração de normas de saúde, por exemplo.

Dessa maneira, é necessário que entendamos o ser humano como alguém que faz parte de uma realidade espaço-temporal, que possui crenças, valores e necessidades sociais, pessoais, sentimentais e culturais, além das materiais.

Não é mais possível lhe negarmos a vida como se fossem pessoas desenraizadas uma vez que este é um ser de raízes, de relações, e destruí-las, significa destruir o seu potencial criativo na medida em que o mesmo torna-se mais um objeto a serviço do capital e que o sujeito de seu próprio conhecimento, de sua própria vida.

É necessário então, que a origem desses trabalhadores, a maioria de fora, seja respeitada. Já que a empresa não construiu a Vila operária e traz trabalhadores de fora, deveria ao menos fornecer uma boa qualidade de vida aos mesmos, sem discriminação, além de facilitar para que os mesmos pudessem ver as famílias pelo menos a cada dois meses,

contribuindo com mais dias de folga para a visita e também com custos das passagens.

Ao Estado, maior investidor essa obra, cabe observar as condições de vida da população que participa da construção do empreendimento, uma vez que o meio ambiente deve ser entendido como um meio no qual o ser humano está inserido, logo, precisamos primar pela qualidade de vida desse ser que possui sonhos, sentimentos, raízes e que vive em contato com o meio ambiente.

Não se pode olvidar que os aspectos da qualidade de vida devem ser considerados no todo, e não apenas quanto aos aspectos do tipo de alimentação ou alojamento que se propicia aos trabalhadores, mas também nos sentimentos desses.

Nesse sentido, a construção da igreja no canteiro de obras e o oferecimento de um espaço onde os evangélicos podem realizar seus cultos constitui um fator positivo no canteiro de obras pois permite ao trabalhador viver sua espiritualidade.

A educação ambiental, que deve propugnar valores de solidariedade, além da questão do enfoque político que deve oferecer para que o educando possa colocar-se diante da sociedade como um ser pensante e não apenas um ser a serviço do capital, não está sendo contemplada de forma adequada no programa de educação proposto pela ECM Manso.

Não é mais possível aceitar que o trabalhador não tenha consciência do produto de seu trabalho. É necessário que a educação ofereça a eles condições de questionar os benefícios, o desenvolvimento que UHE pode trazer. Para quem? Em detrimento de quem? Um

modelo de educação que seja política, deve questionar o nosso modelo de sociedade, altamente injusto, além de insustentável nos moldes atuais.

Para tanto, a educação deve contar com a participação do Sindicato dos Trabalhadores para que a mesma possa avançar sobre aspectos político-sociais, que os capitalistas não têm interesse em fornecer.

Consideramos importante o avanço dos programas educativos adotados na área de Segurança e Medicina do Trabalho pois os resultados mostraram que a maioria dos trabalhadores parece sensibilizada para a utilização dos EPIs, mas ainda é preciso que a sensibilização para a prevenção dos problemas auditivos seja reforçada pois conforme levantamos no decorrer do trabalho, ainda não obteve-se o mesmo grau de preocupação por parte dos trabalhadores com a questão do ruído, por tratar-se de um problema a longo prazo.

A sensibilização dos trabalhadores com os problemas provocados ao meio ambiente pela construção do reservatório demonstrou que, apesar da alienação promovida no mundo do trabalho e sociedade de explorados, muitos trabalhadores percebem que a construção da hidrelétrica é uma via de mão dupla, ou seja, se por um lado é bom porque produzirá energia e está dando oportunidade de emprego a eles, por outro, prejudica o meio ambiente, o que é surpreendente em se tratando de pessoas altamente discriminadas e exploradas.

Atualmente, a CIPA e a equipe de técnicos de segurança parecem estar bem afinadas, desenvolvendo um bom trabalho de sensibilização para os trabalhadores braçais no canteiro de obras, o que não se percebe ainda na maioria das empresas de construção civil.

Todavia, é preciso enfatizar que isto só ocorreu a partir de meados da obra, quando já haviam acontecido dois acidentes fatais, ou seja quando duas vidas humanas já haviam sido perdidas.

Devemos entender que a prevenção deve ser feita não porque é mais barato prevenir mas porque a vida e a saúde do homem não pode ser mensurada, valorada apenas economicamente.

A atual situação do desenraizamento operário como o observado no canteiro de obras pode ser amenizada com uma maior qualificação desses trabalhadores, o que possibilitaria aos mesmos mais alternativas de trabalho em suas regiões de origem.

Nesse sentido, essencial a participação do Sindicato da categoria e mesmo do Estado junto à empresa no sentido de que esta venha a propiciar melhores condições para que o trabalhador possa estudar, pois o que sentimos é que ela não parece muito preocupada em incentivar o desenvolvimento de programas educativos, se isto significar que o trabalhador não terá disponibilidade para hora-extras quando necessário.

Desse modo, é preciso um maior diálogo entre os setores de qualidade de vida e os encarregados dos serviços na obra para que os mesmos encontrem uma forma de diminuir o número de horas-extras que esses trabalhadores fazem, já que o alto número de horas trabalhadas por dia acaba atrapalhando a participação em cursos de capacitação.

A respeito das metodologias de trabalho desenvolvidas nos programas de sensibilização junto aos trabalhadores braçais, os resultados mostraram que as palestras e os DDS são mais proveitosos que as placas, devendo-se portanto, procurar enfatizar mais essa forma de educação, o que não significa abandonar outras práticas.

Outra questão trazida à tona na pesquisa foi a discriminação em relação aos trabalhadores braçais por parte do pessoal dito mais “qualificado”, que achamos precisar ser suprimida, pois os mesmos enxergam a distinção sofrida, sentindo-se desvalorizados.

Também a imagem do trabalhador braçal como alguém sem educação precisa ser combatida uma vez que essa independe de condição social.

Devemos considerar também que a melhoria nas condições de vida dos trabalhadores devem ser implementadas logo no início das obras e não como foi praticado nesse caso, bem depois das obras terem sido iniciadas é que se procurou instalar os alojamentos, refeitórios e área de lazer, quando muitos trabalhadores já estavam no canteiro de obras há um ano ou muitos já terem passado pelo local, em condições precárias de vida.

Outra alternativa, a qual julgamos ser mais adequada, seria a construção da Vilas Operárias, de maneira que os trabalhadores pudessem vir para a obra com suas famílias evitando inúmeros problemas de adaptação e de sofrimento do trabalhador.

Na verdade, percebemos que a questão da melhoria da qualidade de vida, da sensibilização para as questões ambientais passa pela questão política e econômica, de modo que todos os esforços devem ser realizados para que os programas educativos, quer sejam formal ou não-formal, discuta a sustentabilidade do modelo sócio-econômico vigente na sociedade capitalista e, principalmente, nos países subdesenvolvido que há muito vêm sendo explorados pelos países centrais, ou seja, como nos diz Santos, 1997, é preciso politizar os espaços mundo, os espaços da produção, os espaços domésticos etc.

A partir das questões levantadas na presente pesquisa e dos resultados obtidos, apontamos a seguir alguns aspectos para serem repensados pelas empresas, sociedade civil organizada, Estado e Sindicatos no que tange ao mundo do trabalho.

a) Para se alcançar uma maior satisfação dos trabalhadores e, conseqüentemente, uma maior participação dos mesmos nos programas educativos da empresa, esta deve investir em um planejamento participativo em que os diversos setores da empresa possam dar sugestões para o tipo de trabalho a ser desenvolvido e para aspectos ligados à educação ambiental;

b) Deve haver um maior respeito à identidade do trabalhador, de maneira que as origens do mesmo seja respeitada;

c) Devem ser oferecidas condições para que os trabalhadores possam vivenciar sua espiritualidade sem discriminação;

d) A educação ambiental pode ser trabalhada em jornais, panfletos, cartazes distribuídos pela empresa, mas esses precisam contar com a participação dos trabalhadores em sua elaboração;

e) Trabalhos de educação ambiental a partir do lixo devem enfocar outros aspectos que não apenas a coleta do lixo, mas também a produção, onde se pode questionar questões ligadas ao desperdício;

f) Com um trabalho de sensibilização dos trabalhadores, a coleta seletiva do lixo provavelmente teria sucesso se o lixo pudesse ser vendido por uma associação de trabalhadores, sendo o dinheiro distribuído entre os mesmos para melhorar a sua renda.

g) Os Sindicatos, em parceria com as empresas e o Estado devem oferecer cursos de capacitação para o trabalhador em seu ambiente de trabalho, especialmente, quando tratar-se de local distante

da cidade. Esses cursos podem e devem discutir, além dos aspectos estritamente ligados ao trabalho, uma visão holística, pressuposto básico da educação ambiental;

h) Em todos os trabalhos de educação ambiental, é necessário que todos os setores da empresa estejam envolvidos nas diversas fases do projeto, o que necessita uma forte predisposição para o diálogo e respeito mútuo;

i) Os encarregados de setor, as gerências, devem passar por cursos de capacitação onde possam ser sensibilizados sobre a realidade do trabalhador para que sejam capazes de respeitar as diferenças e valorizar mais o trabalhador;

j) A estrutura de estratificação existente no ambiente de trabalho, reflexo da sociedade capitalista, como a que foi observada no canteiro de obras com os refeitórios, alojamento e área de lazer, deve ser descartada, pois não se pode conceber um discurso de qualidade de vida se essa “qualidade” é melhor para alguns que para outros;

k) As palestras, DDS e debates, devem ser bastante enfocadas junto aos trabalhadores, pois é uma metodologia que os mesmos se interessam por poder fazer perguntas, participar das discussões;

h) Como medida de educação ambiental voltada não apenas ao mundo do trabalho mas que visasse a educação ambiental para a população local e regional, recomendamos a construção de um Museu da Hidrelétrica de Manso, o qual poderia funcionar numa parte da Casa de Visitas de Furnas, já que a Empresa, possivelmente não utilizará toda a infra-estrutura lá existente após o término da obra.. Dessa forma, aproveitar-se-ia, o potencial paisagístico do local, que por si só ensinaria uma grande procura de visitantes.

Destacamos que a UHE bi-nacional Itaipú, já possui uma experiência com um museu onde se pratica educação ambiental.

Estudos sobre a viabilidade de recepção deveriam ser realizados para verificar a quantidade de pessoas que poderiam freqüentar o local. Todavia, é importante que todos possam ter acesso ao museu, onde seriam realizados trabalhos de educação ambiental de forma interdisciplinar, trazendo grupos de alunos para visitação à  rea.

Essa proposta de Museu poderia ser assumida por Furnas, já que a mesma dispõe de recursos da ordem de 3,2 milhões de Reais para programas de compensa o ambiental. Talvez a forma mais eficaz de se promover a compensa o ambiental seja investindo na sensibiliza o para a questão ambiental, política e para a necessidade de formas alternativas de produ o de energia menos poluente.

## **Bibliografia**

- AGUIAR, R. de. *Direito do meio Ambiente e Participação Popular*. Brasília: IBAMA, 1994.
- ARANHA, A. S. O conhecimento tático e a qualificação do trabalhador. In *Revista do Núcleo de estudos sobre trabalho e educação*. Belo Horizonte: FAE-UFMG- Ago/dez - 1997: nº 2.
- ARROYO, M. Pedagogia das relações de trabalho. In: Trabalho & educação. *Revista do Núcleo de estudos sobre trabalho e educação*. Belo Horizonte: FAE-UFMG- Ago/dez - 1997: nº 2.
- BARBIERI, J. C. *Desenvolvimento e Meio Ambiente. As estratégias de mudança da Agenda 21*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BISSO, E. M. *O que é segurança do trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1990 (coleção primeiros passos).
- BODGAN, R. & BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: CODEX: Porto Editora, 1994. (Coleção ciências da Educação).
- BORDEST, S. M. L. *Processos morfológicos e vegetação na área dissecada pela bacia superior do rio Coxipó - Mato Grosso*. Cuiabá: Depto. Geografia/ICHS/UFMT, 1994 (mimeo).
- BORGES, L. H. Educação em saúde do trabalhador, educação ambiental e psicodrama. In: NOAL, F. O, REIGOTA, M. & BARCELOS, V. H. de L. (Orgs). *Tendências da educação ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- BORTOLOZZI, A. & PERES FILHO, A. Educação ambiental e Reconstrução da cidadania. IN: *Sociedade & Natureza: Revista do Departamento de Geografia - UFU - Uberlândia*, ano 6 nº 11 e 12- Jan/Dez 1994.

- BRANDÃO, C. R. *Em campo aberto*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CERUTTI, A. et al. Qualidade de vida no trabalho. “Como é vista e como a vemos”. In: *Revista roteiro*. Joaçaba: v. XXII, Jan/jun.1999, p. 73-78.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CORRÊA, R. L. Meio Ambiente e a Metr pole” In: *Geografia e questão ambiental*. Rio de Janeiro: 1993.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho. Estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- DIAS, G. F. *Educa o ambiental. Princípios e práticas*. 3. ed. São Paulo: Gaia, 1994.
- ENGUIITA, M. F. *Trabalho, escola e ideologia. Marx e a crítica da educa o*. Trad. E. Rosa. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1993.
- FREIRE, P. *Educa o e mudança*. Trad. M. Gadotti e L. L. Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (Col. Educa o e Comunica o).
- FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS. *Histograma Geral de Mão-de-obra. Relatório n  7*. Dez. 1999, fl. 22/01
- GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: GAMBOA, S. S. (org). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1995 (Cole o questões de nossa época), v. 42.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas em pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.
- GRASSI, F. D. *Direito Ambiental Aplicado*. Frederico Westphalen: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 1995.

- INSTITUTO PICHON-RIVIÈRE DE SÃO PAULO. *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JORNAL A GAZETA, 11 de outubro de 1999, p. A3
- JORNAL DIÁRIO DE CUIABÁ, 11 de agosto de 1996, p. A4.
- LACHOWSKI, G. Promotores não vão agir em conjunto. *Diário de Cuiabá*, 09/07/00, Ed. 9656, on line.
- LEAL, R. L. Competência do Ministério Público do Trabalho - Ações Civis Públicas, com ênfase na segurança bancária e na segurança e saúde no trabalho. In: *Revista TST*. Brasília: v. 65, nº 1, out/dez 1999.
- LEMONS, Marcos. TCU manda suspender licitação para obra de Manso. *Diário de Cuiabá*, 10 de Agosto de 1996, p. A2.
- LEONARDI, M. L. A. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. In CAVALCANTI, C. (Org.) *Meio ambiente, Desenvolvimento e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1997.
- LIMA, M. J. A . *Ecologia Humana realidade e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- LOUREIRO, J. P. Contrato com parceiros é duvidoso. *Diário de Cuiabá*, 09/07/00, Ed 9656, on line.
- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. F. D. A . *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. (Coleção temas básicos de educação e ensino).
- MANN, P. H. *Métodos de Investigação Sociológica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MARQUES, C. et all. Repercussões do trabalho em turnos alternados sobre a qualidade de vida do trabalhador. In: *Revista Terra e Cultura*, Ano XV, nº 29, Jun/jul 1999.

- MARTINS, José de Souza. Migrações internas no mundo contemporâneo. In: *Convivendo com o diferente. Desmigração, exclusão, multiculturalismo*. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 1999 (Série Migrações – 3).
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- GOHN MARIA DA GLÓRIA. Educação não-formal e cultura política : Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo, Cortez, 1999. (coleção questões da nossa época; V. 71)
- MIRANDA ROSA, F. A . de. *Sociologia do direito, o fenômeno jurídico como fato social*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 1997 (coleção Praxis).
- MORATA, T. C. Altos riscos. Pesquisadora brasileira fala dos efeitos dos produtos químicos sobre a audição. Entrevista `a *Revista Proteção*, nº 08, out. 1999.
- MÜLLER, A. C. *Hidrelétricas, meio ambiente e desenvolvimento*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- OLIVEIRA, M. Terra dos assentados é improdutiva. *Diário de Cuiabá*, 09/07/00, Ed. 9656, on line.
- OLIVEIRA, S. G. de. *Proteção jurídica à saúde do trabalhador*. São Paulo: LTr, 1997.
- PASSOS, I. A. Multiculturalismo no contexto das migrações. In: *Convivendo com o diferente. Desmigração, exclusão e multiculturalismo*. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, Abr/1999 (Série Migrações – 3).



- TRIVIÑOS, A. N. S . *Introdução à pesquisa em ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.
- UNESCO. *La educacion ambiental. Las grandes orientaciones de la Conferencia de Tbilisi*. Paris: 1980.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Coordenadoria Geral de Bibliotecas, Editora UNESP. *Normas para publicações da UNESP*. São Paulo: Editora UNESP, 1994. 4 v.
- VARGAS, Rodrigo. Estudiosos do Estado temem que Usina de Manso repita Balbina. *Diário de Cuiabá*, Cuiabá: 19/12/99. p.B1
- \_\_\_\_\_. Lutas de interesses explica opção. *Diário de Cuiabá*, 09/07/00, Ed 9656, on line.
- \_\_\_\_\_. Relatório de 1986 já previa erros. *Diário de Cuiabá*, 09/07/00, Ed. 9656, on line.
- \_\_\_\_\_. Pescadores pedem garantia a Furnas. *Diário de Cuiabá*, 09/07/00, Ed. 9656, on line.
- WEIL, S. O desenraizamento operário. In: BOSI, E. (Org.). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Trad. T. G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

## **Anexos**

## Anexo 1 - Instrumento de Pesquisa

### **Categoria 1 – Características pessoais**

**Objetivo:** *Identificar o trabalhador.*

Nome: \_\_\_\_\_  
 (O nome não será revelado, caso não queira)  
 Idade: \_\_\_\_\_ local de Nascimento: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_  
 Grau de Escolaridade: \_\_\_\_ Local onde estudou \_\_\_\_\_  
 Qualificação profissional: \_\_\_\_\_  
 Outros cursos \_\_\_\_\_

### **Categoria 2- Procedência**

**Objetivo:** *Conhecer a origem do trabalhador*

- 1- Local onde mora a família: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_
- 2- Quantas vezes por mês o senhor vê a família? \_\_\_\_\_
- 3- O senhor mora em alojamento aqui na usina? \_\_\_\_\_
- 4- Onde o senhor trabalhava e qual o tipo de trabalho fazia antes de vir pra cá?  
 \_\_\_\_\_
- 5- O senhor já esteve em outra Usina? Se esteve, qual e quando? \_\_\_\_\_

### **Categoria 3 : Condições de trabalho**

**Objetivos:** *Conhecer a realidade dos trabalhadores quanto aos aspectos trabalhistas.*

- 1- Como o senhor veio trabalhar aqui? \_\_\_\_\_
- 2- O senhor foi contratado por quem? \_\_\_\_\_
- 3- Porque o senhor veio trabalhar aqui? \_\_\_\_\_
- 4- Qual o salário que o senhor recebe? \_\_\_\_\_
- 5- Trabalha com carteira assinada? \_\_\_\_\_
- 6- Qual o trabalho do senhor aqui na obra? \_\_\_\_\_
- 7- Horário de trabalho \_\_\_\_\_

### **Categoria 4- Ambiente de trabalho**

**Objetivo:** *Identificar as condições de vida no ambiente de trabalho e moradia*

- 1- O que o senhor acha das condições do alojamento?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

- 2- O que o senhor acha da alimentação servida no canteiro de obras?

\_\_\_\_\_

- 3- Quantas vezes por mês o senhor sai do canteiro de obras? \_\_\_\_\_
- 4- Quando o senhor sai, para onde vai? \_\_\_\_\_
- 5- Que tipo de lazer o senhor utiliza enquanto está no canteiro de obras?  
\_\_\_\_\_
- 6- E fora daqui? \_\_\_\_\_
- 7- Que tipo de lazer o senhor gostaria que tivesse aqui ? \_\_\_\_\_

### **Categoria 5 : Grau de sensibilização em relação ao ambiente de trabalho**

**Objetivo:** *Levantar o grau de consciência dos trabalhadores em relação ao ambiente de trabalho. Sugerir propostas.*

- 1- O senhor já sofreu algum acidente aqui no canteiro de obras? \_\_\_\_\_  
Qual? \_\_\_\_\_
- 2- Já presenciou algum acidente com outros trabalhadores? Que tipo? \_\_\_\_\_
- 3- O senhor tem muito medo de sofrer acidente? \_\_\_\_\_
- 4- Quais os equipamentos de proteção fornecidos pela empresa?
- 5- Utiliza sempre todos os equipamentos de proteção fornecido pela Usina? Por quê? \_\_\_\_\_
- 6- Caso não houvesse uma fiscalização por parte da empresa, o senhor utilizaria o equipamento de proteção? Por quê? \_\_\_\_\_
- 7 - O que o senhor acha das transformações que estão sendo feitas aqui no ambiente da Usina?  
\_\_\_\_\_

### **Categoria 6– Campanhas e programas educativos**

**Objetivo:** *Desvendar o grau de sensibilização dos trabalhadores às campanhas educativas e sugerir propostas a partir da realidade dos mesmos.*

- 1- A empresa promove muitas campanhas educativas? \_\_\_\_\_
- 2- O que o senhor acha destas campanhas? \_\_\_\_\_
- 3- Alguma campanha já serviu para mudar o comportamento do senhor?
- 4- Que tipo de campanha mais atrai sua atenção? Por quê? \_\_\_\_\_
- 5- Existe algum tipo de programa, curso ou campanha ligada ao ambiente de trabalho que o senhor gostaria de participar aqui no canteiro de obras?

- PAIVA, J. *Trabalho: a mão na massa*. Série: Educação de Jovens e Adultos - Programa Salto para o futuro. n° 10- 16/05/97.
- QUINTAS, J. S. Mobilização Social, Educação Ambiental e Gestão. In: *Cadernos do IV Fórum de Educação Ambiental. I Encontro da Rede Brasileira de Educação Ambiental*. Rio de Janeiro: Associação Projeto Roda Viva, 1997.
- RADAMBRASIL. *Folha SD 21 Cuiabá*
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social. Métodos e técnicas*. 2. ed. São Paulo, Atlas, 1989.
- ROCHA, J. C. de S. da. *Direito ambiental e meio ambiente do trabalho. Dano, prevenção e proteção jurídica*. São Paulo: LTr, 1997.
- ROSSETTO, O. C. *Percepção Ambiental e Educação. Um olhar sobre os trabalhadores braçais de uma agroindústria canavieira, Nova Olímpia, Mato Grosso*. Cuiabá: Instituto de Educação, 1997 (Dissertação de Mestrado).
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- SORRENTINO, Marcos. *Educação Ambiental e Universidade: um estudo de caso*. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 1995 (Tese de Doutorado).
- TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo: Ática, 1998
- TORRES, J. C. *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania nas sociedades modernas*. São Paulo: Ática, 1998.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.

- \_\_\_\_\_ Que tipo seria?
- 4- O senhor já participou de algum curso oferecido pelo Sesi? \_\_\_\_\_  
O que o senhor achou? \_\_\_\_\_
- 5- O senhor lê o jornal informativo distribuído na empresa?
- 6- Qual assunto o senhor mais gosta? \_\_\_\_\_
- 7- Gosta de ler os cartazes e panfletos distribuídos pela empresa? \_\_\_\_\_
- 8- O senhor gostaria de fazer algum curso aqui no ambiente de trabalho?  
\_\_\_\_\_ Que horário seria melhor? \_\_\_\_\_



# Manso

INFORMA

Ano2

Usina de Manso - Terça-feira, 18 de Maio de 1999

Nº 05

## Como está a nossa Obra...



Vista Geral Vertedouro

Em 14 meses de obra, sem dúvida, vencemos inúmeros desafios. O mais importante deles foi o Desvio do Rio na data prevista em Agosto/98. Em Dezembro, com o término das escavações em rocha, iniciamos a concretagem da fundação de algumas estruturas e hoje podemos visualizar o progresso da obra, com alguns blocos na elevação 290,00.

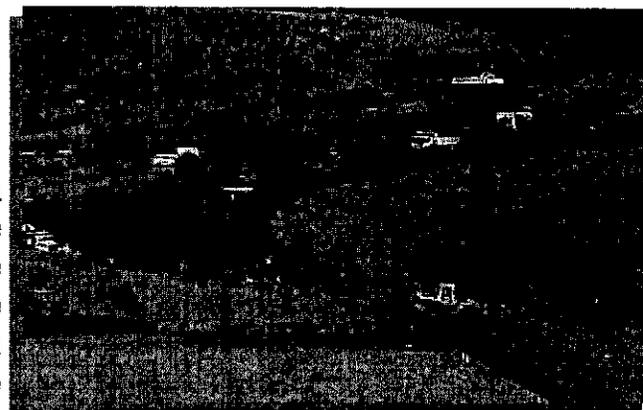


Casa de Força / Area de Montagem



Tomada D'Água

Tudo isso se deve a toda equipe envolvida na construção do APM Manso, desde as áreas de apoio até a de produção propriamente dita, onde destacamos as Centrais de Produção. No mês de abril, a **Central de Forma** produziu 1.970m<sup>2</sup>; a **Central de Armação** beneficiou 272 toneladas de aço e a **Central de Concreto** forneceu às frentes de serviço 15.334m<sup>3</sup>, e a **Central de Britagem** produziu 21.000m<sup>3</sup> de areia artificial e 44.000m<sup>3</sup> de brita. Por sua vez a **Central de Pré-moldados** produziu 49 peças para a obra principal.



Barragem Margem Direita

Nas obras de terra e rocha, houve um avanço considerável na Barragem da Margem Direita e no Dique 3, sendo que o total de material lançado nestas frentes de serviço foi de 175.000m<sup>3</sup>, dos quais, 131.000m<sup>3</sup> na Barragem e o restante no Dique.

**Confie no nosso futuro, junto chegaremos lá!**

Usina de Manso - Terça-feira, 18 de Maio de 1999

Nº 05

# PROGRAMA DE PRODUTIVIDADE

O primeiro churrasco do Programa de Produtividade, realizado no dia 15.05.99, foi o maior sucesso. Participaram as equipes que cumpriram suas metas durante o mês de Abril.

Foi uma festa só, teve muita carne, música, dança e muita alegria. Parabenizamos as equipes participantes que levaram a sério o programa cumprindo suas metas, e esperamos para o próximo mês contarmos com a participação de todas as equipes.



Este foi só o primeiro, vem muito mais por aí! Vamos continuar acreditando e além de churrasco ganhar muitos prêmios.



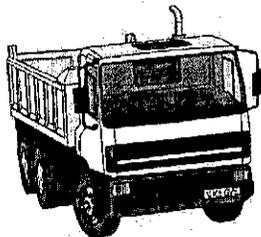
As equipes que saíram na frente, participaram do churrasco e já estão concorrendo a moto, foram as seguintes:

- Pre-moldados (D) - Jarinaldo Cardos
- Concreto 1 - Elcio José da Silva
- Concreto 2 - Antônio Henrique
- Concreto 5 - Luiz Alves de Souza
- Acabamento 1 - José Faustino
- Acabamento 2 - Eugênio Félix
- Armação 1 - Luiz Marinho

- Armação 2 - Sebastião de Souza
- Armação 7 - José Marcolino
- Armação 8 - Fábio Rodrigues
- Armação 10 - José Antônio
- Barragem M. Direita - Antônio Eugênio, Clóvis Rodrigues, Venceslau Inácio, Luiz Rodrigues, Euripedes.

Mas as equipes que ficaram para traz ainda podem recuperar a diferença. Vamos lá pessoal, só depende do desempenho de vocês.

## TREINAMENTOS



Durante o mês de Abril, realizamos os treinamento sobre noções básicas de Combate a Princípio de Incêndio, onde foi registrada a participação de diversos integrantes de várias áreas; Noções Básicas de Direção Defensiva, onde houve a participação da maioria dos motoristas de veículos pesados e operadores.



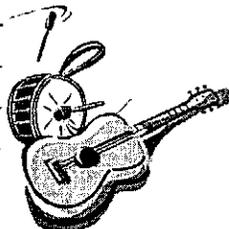
A todos parabéns pela brilhante participação!

Para o mês de maio, realizaremos treinamentos de reciclagem quanto às Condições de Insegurança na Construção Civil e a prática na realização do DDS, com a participação dos líderes/encarregados.

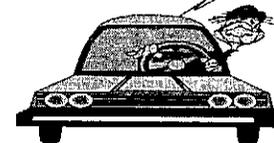
O evento será comunicado aos responsáveis de cada área, através de comunicação interna, a fim de viabilizar a participação de todos.

### Venha cantar com a gente

Se você toca algum instrumento, venha participar do Conjunto dos Pagodeiros de Manso. Você só precisa procurar o Sr. José Maria na Oficina ou o Flávio no Lazer.



### Bi-Bi



Agora você não precisa sair da obra para aprender a dirigir. Estamos contando com a presença de uma Auto-Escola aqui, no canteiro, a fim de facilitar todo o processo para você.

E já estão sendo dadas as primeiras aulas. Não perca esta oportunidade. Inscreva-se!

## LIXO

O lixo é um dos maiores destruidores do meio ambiente. Polui águas, terra e ar, prejudica a nossa saúde, além de tornar os lugares feios e desagradáveis.

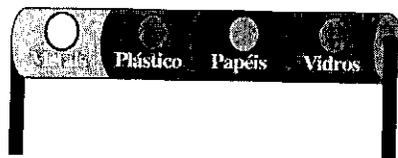
Tanto em nossas casas, quanto também no trabalho produzimos muito lixo. Mas podemos evitar que esse lixo prejudique o meio ambiente, sabe como?

- Selecione o lixo ao jogá-lo fora, utilize os latões de lixo espalhados pela obra.

- Limpe e organize sua área de serviço ao final do expediente.

- Evite queimar qualquer tipo de lixo.

**Proteja o Meio Ambiente em que vivemos**



## SEGURANÇA DO TRABALHO

Parabenizamos as equipes ligadas aos supervisores José Coelho e José Bezerra, pela participação nas ações prevencionistas, tais como acessos, passarelas, guarda corpo, plataformas seguras, etc; Armando e Venceslau pela manutenção das vias de acesso seguras e pelo baixo índice de ocorrência de acidentes c/ equipamentos móveis no mês de abril; José Fischer e Luizão, pelas medidas de prevenção implantadas nas centrais de britagem e concreto respectivamente, e o não registro de acidentes nas referidas áreas, sem a necessidade de cobrança de tais proteções pela equipe de Segurança do Trabalho.

**Se todos seguirem o exemplo estaremos trabalhando com total "Segurança".**

## CIPA

Foi realizado no período de 03 à 14.05.99, o Curso de Prevenção de Acidente de Trabalho para CIPA, com a conclusão do mesmo serão empossados os representantes da Gestão 1999/2000.

## Vem aí a ESCOLINHA DE ALFABETIZAÇÃO DA ECM



Em breve estará funcionando no canteiro a Escolinha de alfabetização para adultos. A escola contará

com cursos de Alfabetização à 4ª série.

Se você conhece alguém que não sabe ler e escrever, conte a ele esta novidade.

Nunca é tarde para aprender. O saber não ocupa espaço na bagagem.

Matriculem-se já, procure o Serviço Social.

## PAPO SÉRIO

A PAIR - Perda Auditiva Induzida pelo Ruído, é uma doença que acomete aqueles indivíduos expostos a níveis elevados de pressão sonora (barulho), principalmente no ambiente de trabalho.



A lesão auditiva causada pelo barulho é irreversível, uma vez perdida não há recuperação. Inicialmente a PAIR não causa nenhum sintoma e só é detectada no exame audiométrico. Uma característica desta doença é que com o passar do tempo de exposição frequente ao barulho sem proteção a lesão piora podendo evoluir para um quadro de surdez.

É bom lembrar que além dos problemas de audição o barulho pode causar nervosismo, pressão alta, gastrite, úlcera e até impotência sexual.

A única saída é a consciência do trabalhador da importância da proteção auditiva.



O uso do protetor auricular na presença de barulho é o único remédio. Proteja-se, não corra estes riscos.

## MANSO INFORMA

**REDAÇÃO:** Edilaine Mello (Apoio: Fábio Viana, Jorge Lúcio, e Fábio Carvalho, João Teixeira)

**DIGITAÇÃO e EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** Edilaine Mello

**TIRAGEM:** 1.000 EXEMPLARES

## REFEITÓRIO

- Iniciamos a Campanha da Bandeja Limpa em Fevereiro, tivemos um resultado bom até o mês de maio. Porém, ainda não é satisfatório. Veja a evolução da perda com a campanha:
- Janeiro - 150kg por refeição
- Fevereiro - 120kg por refeição
- Março - 83kg por refeição
- Abril - 67kg por refeição
- Você já pensou que está em suas mãos acabar com este desperdício? Você acha necessário ter que ganhar brinde para não jogar comida fora?
- Vamos refletir e avaliar se há necessidade de pegarmos tanta comida na bandeja, se não damos conta de comer.
- O que você acha de usar o prato no lugar da bandeja? Sobraria menos comida e você estaria contribuindo para que o nosso desperdício diminuísse.

**Pense nisso e faça sua parte!**



Entrega do brinde para o ganhador do mês Abril

- O próximo sorteio acontecerá no dia 18.05.99 às 19:30hs, na área de lazer.

## Saiba mais um pouco sobre AIDS

Apesar do avanço na medicina ainda não se chegou a cura da AIDS.

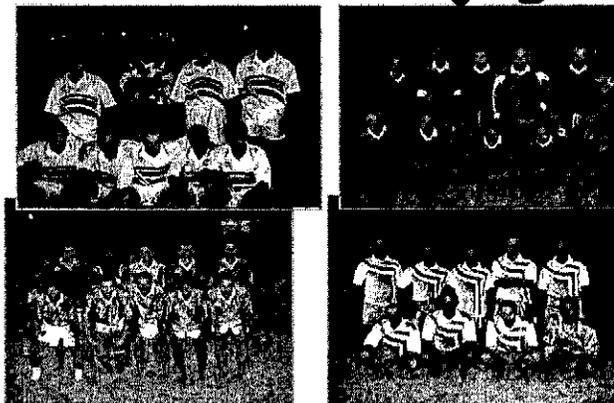
Hoje consegue-se melhorar muito a qualidade de vida do portador com uso dos coquetéis de medicamentos e com mudanças de hábitos na vida do doente.

O uso de preservativos nas relações sexuais ainda é a única maneira eficaz de prevenir este mal.

**Use camisinha, pratique  
sexo seguro.**



## Tem bola em jogo!



Alguns dos times participantes

É isso aí pessoal! Desde último o dia 05 esta acontecendo o **1º Campeonato de Futebol de Areia do APM-Manso.**

Os jogos são de segunda à quinta-feira, no campo da área de lazer, a partir das 19:30hs.

Veja abaixo as tabelas dos jogos das 1ª e 2ª rodadas:

### 1ª Rodada

DIA	JOGO	TIMES	PLACAR
05/05	1	ELÉTRICA X NAÚTICO E. C.	04 X 03
05/05	2	UNIÃO E.C. X VIGILÂNCIA	01 X 03
06/05	3	ALTO E.C. X APROPRIAÇÃO	03 X 04
06/05	4	PREMOLDADO X EQUIPAMENTOS	06 X 01
10/05	5	TERRAPLANAGEM X CONCRETO	00 X 08
07/05	6	MONTAGEM X C. DE ARMAÇÃO	01 X 03
11/05	7	ARMAÇÃO C.F. X TOPOGRAFIA	02 X 00

### 2ª Rodada

DIA	JOGO	TIMES	PLACAR
11/05	1	ELÉTRICA X NAÚTICO E. C.	03 X 01
12/05	2	UNIÃO E.C. X VIGILÂNCIA	04 X 01
12/05	3	ALTO E.C. X APROPRIAÇÃO	00 X 00
13/05	4	PREMOLDADO X EQUIPAMENTOS	
13/05	5	TERRAPLANAGEM X CONCRETO	
17/05	6	MONTAGEM X C. DE ARMAÇÃO	
17/05	7	ARMAÇÃO C.F. X TOPOGRAFIA	

Isso é só o começo, vem muito mais por aí.  
Fique ligado!

### Minuto de Sabedoria

*Trabalho é sinônimo de nobreza.*

*Não desenhe o trabalho que lhe coube realizar na sua vida.*

*O trabalho enobrece aquele que o faz com entusiasmo e amor.*

*Não existem trabalhos humildes.*

*Só se distinguem por serem bem ou mal realizados.*

*Dê valor ao seu trabalho, fazendo-o com todo amor e carinho, e estará desta maneira dando valor a si mesmo.*